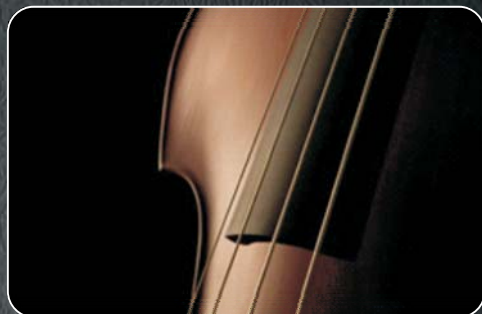




**UCS**  
ORQUESTRA  
SINFÔNICA



ORQUESTRA SINFÔNICA DA UNIVERSIDADE  
DE CAXIAS DO SUL

Direção Artística: Maestro Manfredo Schmiedt

Programação 2016





O conhecimento ilumina  
**E IMPULSIONA  
SUAS CONQUISTAS.**

Na UCS, a qualidade do ensino reflete o compromisso de formar pessoas capazes de transformar o mundo e antecipar o futuro.

- 80 cursos de graduação.
- 70 especializações, 16 mestrados e 7 doutorados.
- Parque de Ciência, Tecnologia e Inovação para alavancar o desenvolvimento.
- Intercâmbio internacional em instituições de 28 países.



Foto: Claudia Velho

## TEMPORADA OSUCS 2016

A Universidade de Caxias do Sul é uma Instituição Comunitária de Educação Superior comprometida com a difusão da arte e, sobretudo, com a valorização de diferentes expressões da cultura e da estética, compondo, assim, com excelência o repertório de sua história.

A Orquestra Sinfônica da UCS, expressão concreta dessa valorização, ao longo de sua trajetória que, neste ano, completará 15 anos, tem sido um importante instrumento de propagação cultural dentro e fora da Universidade, através de seus espetáculos temáticos.

A programação da Temporada da Orquestra Sinfônica da UCS 2016 reúne vinte e oito obras de importantes artistas nacionais e internacionais, sendo vinte e quatro inéditas na cidade de Caxias do Sul. Construída por muitas mãos, a programação deste ano quer proporcionar o que há de mais

belo em movimentos artísticos, como o Barroco, o Classicismo, o Romantismo, o Impressionismo e o Modernismo, com composições, respectivamente, de Messias de Händel, Mozart, Haydn, Beethoven, Berlioz, Dvořák, Rachmaninoff, Rimsky-Korsakov, Debussy, Ravel, Prokofiev, Mignone e Villa-Lobos. Ademais, a Temporada contemplará obras de compositores contemporâneos, como Kosak, Stephenson e Liebermann e, também, obras emblemáticas, com destaque para a *Sinfonia Novo Mundo*, de Dvořák, *Scheherazade*, de Rimsky-Korsakov e a *Sexta Sinfonia*, de Beethoven.

O concerto de abertura da Temporada OSUCS 2016 terá a participação do músico Flávio Gabriel, ex-trompetista da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo e da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, atualmente professor do curso de Música da Universidade Federal de Uberlândia.

Vale ressaltar que a Temporada OSUCS 2016, contará, também, com a participação de renomados músicos de diferentes países, com carreira nacional e internacional, como Emmanuele Baldini e Michel Bellavance, entre outros que abrilhantarão os espetáculos comandados pelo Maestro da OSUCS, Manfredo Schmiedt. Entre as novidades da Temporada OSUCS 2016, gostaria de destacar as participações dos maestros Jorge Salgueiro, compositor da obra intitulada *Quinta da Amizade*, que propõe a aproximação das crianças ao mundo musical, e Helder Trefzger, atual diretor artístico e Maestro titular da Orquestra Sinfônica do Estado do Espírito Santo. Quero destacar, ainda, a parceria realizada entre a UCS e a PUCRS, visando à realização conjunta de dois concertos tanto em Caxias do Sul, como em Porto Alegre.

Por fim, gostaria de destacar que, neste ano, se realizará a 3ª Edição do *Natal em Família na UCS*, evento que abrirá os festejos dos 50 anos da Universidade, com um belíssimo espetáculo que integrará bailarinos, solistas, coros e orquestra, marcando, assim, o encerramento da Temporada OSUCS 2016.

Confira a programação completa da Temporada OSUCS 2016 e aproveite os espetáculos!

**Prof. Dr. Evaldo Antonio Kuiava**  
Reitor da Universidade de Caxias do Sul



## Querido público!!!

Sejam todos muito bem-vindos a nossa nova temporada de concertos.

Estamos muito felizes em apresentar um repertório diversificado que vai desde o período barroco até os dias de hoje e que terá excelentes solistas e maestros somados a nossa equipe da OSUCS.

Espero que todos vocês usufruam dos “sabores” sonoros que vamos apresentar pois os mesmos foram cultivados com muita dedicação por todos aqueles que contribuíram com sugestões para que ela abrangesse o máximo de gostos possíveis.

Para darmos início a nossa Série de concertos vamos apresentar o Episódio Sinfônico do compositor brasileiro Francisco Braga e que tem em sua primeira página um fragmento da poesia de Gonçalves Dias que eu gostaria de compartilhar com vocês:

*Só tu, Senhor, só tu no meu deserto  
Escutas minha voz que te suplica;  
Só tu, nutres minha alma de esperança;  
Só tu, oh meu Senhor, em mim derramas  
Torrentes de harmonia, que me abrasam.*

*Qual órgão, que ressoa mavioso,  
Quando segura mão lhe oprime as teclas,  
Assim minha alma quando a ti se achega  
Hinos de ardente amor disfere grata:  
E, quando mais serena, ainda conserva  
Eflúvios deste canto, que me guia  
No caminho da vida áspero e duro.  
Assim por muito tempo reboando  
Vão no recinto do sagrado templo  
Sons, que o órgão soltou, que o ouvido escuta.*

Que Deus abençoe a todos nós neste novo ano de 2016!!!

Maestro Manfredo Schmiedt



## Manfred Schmiedt

Diretor Artístico e Maestro Titular da OSUCS

Com Mestrado em Regência pela Universidade da Geórgia (EUA) e Graduação em Regência pela Universidade Federal de Rio Grande do Sul (UFRGS), Manfred Schmiedt participou de cursos de regência na Alemanha, na Holanda, na Argentina, nos Estados Unidos e no Brasil. Estudou com renomados maestros, como Eleazar de Carvalho, Roberto Duarte, Lutero Rodrigues, Ernani Aguiar, Carlos Alberto Pinto da Fonseca, Emilio de César, Arlindo Teixeira, Hans van Homberg, Helmut Rilling, Jean Fournet, Eric Ericson, Mark Cedel, Melinda O'Neal e Yoel Levi.

Em virtude de seu destacado desempenho acadêmico, recebeu duas importantes condecorações nos Estados Unidos: "Pi Kappa Lambda Music Honor Society" e "Director's Excellence Award". Foi regente convidado no "High School Workshop", promovido pela Universidade da Geórgia. Obteve, em duas oportunidades, o primeiro lugar no "Concurso Jovens Regentes", promovido pela Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA). Recebeu o "Prêmio Açorianos de Música" por sua participação como maestro na peça "A História do Soldado", de Stravinsky.

Em sua experiência como regente de coros, destacam-se seus trabalhos com o Coro Sinfônico da OSPA, Coral 25 de Julho, de Porto Alegre, e Coro de Câmara Ars Vocalis. Foi, durante dois anos, regente-assistente da Orquestra Sinfônica da Universidade da Geórgia (EUA) e, durante quatro anos, assistente do maestro Isaac Karabtchevsky, na OSPA.

Além de suas atividades na OSUCS e na OSPA, foi convidado para reger as seguintes orquestras: Orquestra Sinfônica do Sodre (UR), Orquestra Sinfônica Provincial de Rosário (AR), Orquestra da Universidade de Cuyo de Mendoza (AR), Orquestra Filarmônica de Mendoza (AR), Orquestra Sinfônica da Universidade Nacional de San Juan (AR), Orquestra Petrobrás Sinfônica (RJ), Orquestra da USP (SP), Orquestra Filarmônica de São Caetano do Sul (SP), Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas (SP), Orquestra Filarmônica do Espírito Santo (ES), Camerata Sesi - Vitória (ES), Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte (RN), Orquestra de Câmara da Ulbra (RS), Orquestra de Câmara do Teatro São Pedro (RS), Orquestra de Câmara Sesi-Fundarte (RS), Orquestra Filarmônica de Belgrado (Sérvia), Orquestra Sinfônica da Radio y Televisão (Sérvia), Northern Iowa Symphony Orchestra (USA) e Albany Symphony Orchestra (USA).

Manfred Schmiedt nasceu em Porto Alegre. Com dez anos iniciou seus estudos musicais estudando trompete e, atualmente é o Maestro Titular e Diretor Artístico da Orquestra Sinfônica da Universidade de Caxias do Sul - OSUCS e regente do Coro Sinfônico da OSPA.

MARÇO  
QUINTA SINFÔNICA

**Abertura da Temporada**

10 de março – quinta-feira – 20h30min

UCS Teatro – Caxias do Sul - RS

**Francisco Braga:**

**Episódio Sinfônico**

- *Adagio*

**James Stephenson:**

**Concerto Nº 1 para trompete e orquestra**

- *Adagio – Allegro giocoso ma con fiero – Allegro molto*
- *Allegro com brio*

Solista: **Flávio Gabriel** – Trompete

– INTERVALO –

**Antonín Dvořák:**

**Sinfonia Nº 9 em mi menor, Op. 95 “Do Novo Mundo”**

- *Adagio – Allegro molto*
- *Largo*
- *Scherzo: Molto vivace – Poco sostenuto*
- *Allegro con fuoco*

Maestro: **Manfredo Schmiedt**



## Francisco Braga: Episódio Sinfônico

Nascido na cidade do Rio de Janeiro, Antônio Francisco Braga (1868 – 1950), mais lembrado como o autor do Hino à Bandeira, foi compositor, regente e professor.

Órfão, aos oito anos de idade, foi matriculado no recém-criado Asilo dos Meninos Desvalidos, em sua cidade natal. Esta entidade tinha como objetivo o desenvolvimento das artes e ofícios, por meio do curso regular de letras e ciências, dentro do qual Francisco Braga demonstrou vocação para a música.

O seu talento chamou a atenção do então, Diretor do Imperial Conservatório de Música, que autorizou a matrícula de Braga nesta instituição.

Em pouco tempo, nos seus estudos musicais, fez progressos notórios que chamaram a atenção de seus mestres. Estes viam Francisco Braga como um predestinado à arte da música.

Aos dezoito anos de idade, concluiu o curso de música e, posteriormente, tornou-se mestre da banda do Asilo. A partir desde posto assumido, deu os primeiros passos de compositor, escrevendo obras para banda, piano e uma *Fantasia Abertura* para Orquestra.

No ano de 1889, em meio a todo agitação política, que ocorrera naquele ano, Francisco Braga inscreveu-se no concurso para a escolha do novo Hino da República. Sua composição foi uma das quatro finalistas, mas não foi a vencedora.

Contudo, a sua composição destacou-se, e Francisco Braga ganhou, do Governo Brasileiro, uma bolsa para dar prosseguimento, aos seus estudos, na Europa. Ele estabeleceu-se, na cidade de Paris, estudando com Julie Massenet, no conservatório daquela cidade.

Após esse período na França, Francisco Braga, conduzido pelo desejo de aprender a escola moderna de composição de Wagner, fixou residência na cidade de Dresden, na Alemanha. Neste período, ele compôs diversas obras, entre as quais, o poema sinfônico *Marabá* e o *Episódio Sinfônico*.

Esta obra, que será executada pela orquestra, foi inspirada em um fragmento de O Templo, obra pertencente ao terceiro grupo de poemas do Livro Hinos do poeta Gonçalves Dias.

De acordo com as palavras de Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, “trata-se de uma poesia re-passada de acentos místicos, de religiosidade, que o compositor muito felizmente evocou, na orquestra, sugerindo a grave atmosfera de um templo e a plenitude do órgão quando emprega toda a riqueza de sua reginação”.

Para uma melhor compreensão desta obra orquestral, uma leitura do fragmento do poema se faz necessária: *“Só tu, Senhor, só tu, no meu deserto /Escutas minha voz que te suplica; /Só tu nutres minha alma de esperança; /Só tu, oh meu Senhor, em mim derramas /Torrentes de harmonia, que me abrasam. /Qual órgão, que ressoa mavioso, /Quando segura mão lhe oprime as teclas, /Assim minha alma, quando a ti se achega, /Hinos de ardente amor disfere grata: /E, quando mais serena, ainda conserva /Eflúvios deste canto, que me guia /No caminho da vida áspero e duro. /Assim por muito tempo reboando /Não no recinto do sagrado templo /Sons, que o órgão soltou, que o ouvido escuta”*

Maria Elisa Peretti Pasqualini, sobre a construção da obra, comenta que: “Braga escreve uma progressão de cinco longos acordes que se abrem em movimento contrário entre a flauta e o contrabaixo, utilizando a orquestra como se fosse um órgão numa sequência harmônica. Na realidade esse encadeamento é uma síntese de toda a obra e já contém metade do motivo melódico principal, alargado nesta introdução de seis compassos.

Logo a seguir, um violoncelo solo, acompanhado pela harpa e por acordes formados pelos clarinetes e fagotes, expõe o tema: uma melodia simples iniciada numa escala ascendente de sol maior, que é repetida por todos os violoncelos quando ganha contrapontos nas madeiras e nos demais naipes de cordas.

A melodia volta a aparecer diversas vezes, dividida em pequenos motivos distribuídos ora nos clarinetes, ora nos violinos, ora nas flautas ou nas trompas, ora nos oboés ou nos fagotes.

O violoncelo solo volta, agora reforçado pelos timbres do corne-inglês, dos fagotes e dos

clarinetes e segue com pequenas alternâncias com o primeiro clarinete, até que ‘resolve’ nos mesmos cinco longos acordes da introdução.

É uma obra curta, com pinceladas wagnerianas, simples e compacta, quase miniaturista,



**James Stephenson:**  
**Concerto Nº 1 para trompete e**  
**orquestra**

O repertório de concertos para trompete, após seu ápice no período barroco, teve produção pouco numerosa se comparada a de outros instrumentos. É somente a partir do século XX que o trompete volta a assumir o papel de instrumento solista frente as mais diversas formações.

Essa expansão se deu, não apenas pelo desenvolvimento do instrumento, ou interesse dos compositores, mas principalmente pelas relações de amizade entre intérpretes e compositores, bem como o apoio de maestros dispostos a explorar a, nem sempre bem-vinda, música contemporânea.

O Concerto para Trompete de James Stephenson é fruto de uma longa amizade entre o compositor e o trompetista Jeffrey Work, a quem a obra é dedicada. Stephenson nasceu em 1969 na região de Chicago. Foi trompetista da Sinfônica de Naples durante 17 anos, antes de dedicar-se totalmente a composição. A admiração pelas habilidades de Jeffrey surgiu ainda nos primeiros festivais de verão e foi aprofundada quando os dois foram colegas

como uma oração, um breve desabafo a um velho conhecido, para quem não há necessidade de muitas palavras para se fazer entender.”

*Texto: Márcio Fisch de Oliveira – Chefe do Naipe de Contrabaixos da OSUCS*

de classe no prestigioso conservatório de New England – Boston. O trabalho de Stephenson como compositor tem sido apresentado por algumas das maiores orquestras dos Estados Unidos como Sinfônica de Minnesota, Boston Pops, Cincinnati Pops entre outras.

A obra com dois movimentos tem início em caráter misterioso e sem tonalidade definida. Um solo de fagote apresenta um motivo com apenas duas notas, fá e ré. Essas notas, quando solfejadas, com o acento inglês, produzem um som próximo ao nome de Jeffrey. Esse motivo é repetido e desenvolvido durante toda a obra. Entretanto, segundo o compositor esse efeito é muito mais visível para quem estiver lendo a grade que o ouvinte. O Solista entra calmamente em cima de um ostinado, quase como que procurando por uma tonalidade principal e termina a abertura tentando chegar a tonalidade de Mi bemol maior, mas logo em seguida essa ideia é dissolvida em algo vago novamente dando início ao scherzo, parte principal do primeiro movimento.

O segundo movimento foi escrito para demonstrar a virtuosidade do solista. Aqui, as habilidades de Jeffrey Work, admiradas pelo compositor, são levadas ao extremo da dificuldade técnica do instrumento em um movimento composto para exibir os pontos fortes do trompete moderno muitas vezes pouco explorado.

Uma feliz coincidência reúne três trompetistas nessa apresentação, cada um deles explorando e contribuindo com esse novo repertório a sua maneira: aluno de trompete da escola da OSPA, o maestro Manfredo Schmiedt buscou expandir suas ideias musicais através da regência. James Stephenson, como já mencionado, foi trompetista antes de se tornar compositor. Como trompetista, me encanto em poder expandir o repertório trompetístico, seja realizando estréias mundiais em obras dedicadas a mim, ou estréias nacionais como esse belíssimo concerto de James Stephenson.

*Texto: Flávio Gabriel – Trompete Solista*





### **Antonín Dvořák:**

### **Sinfonia Nº 9 em mi menor, Op. 95 “Do Novo Mundo”**

De todos os nacionalistas do séc. 19, Dvořák talvez tenha sido o mais bem-sucedido na absorção de elementos da música folclórica nacional num sofisticado idioma clássico.

Iniciou seus estudos como violinista na Escola de Órgão de Praga e após, assumiu um posto na Orquestra Boêmia do Teatro Provisório. Durante esse período, compôs num estilo gradativamente influenciado pela música nacionalista de Smetana regente da orquestra do teatro por certo tempo.

Premiado com um estipêndio para composição do Ministério da Educação em 1875 e 1877, fez com que o compositor Johannes Brahms, jurado em ambos os casos e impressionado com suas composições, recomendasse elas a seu editor. Realmente impressionado com a genialidade e a criatividade de Dvořák, Brahms citou: “Quem me dera ter uma única das ideias brilhantes que ocorrem a Dvořák a cada minuto”.

Dessa maneira, o nome Dvořák tornou-se amplamente conhecido na Europa e na década seguinte, regeu uma série de concertos tendo atraído grandes plateias na Inglaterra. Com a fama consolidada, em 1891 foi convidado para ser diretor do Conservatório Nacional de Música em Nova York onde se dedicou de corpo e alma à nova função e compôs uma série de obras que evidenciou a influência a música popular norte-americana, dentre elas, a Sinfonia nº 9.

Composta em 1893, a Sinfonia nº 9 em mi menor, conhecida como “Do Novo Mundo”, foi resultado de sua impressão com as condições do novo país e da crença que a música popular norte-americana podia produzir uma voz musical caracteristicamente

nacional, embora a “Novo Mundo” não contenha nenhuma melodia autenticamente americana.

Executada pela primeira vez em dezembro de 1893 em um concerto da Sociedade Filarmônica de Nova York, dirigido por Anton Seidl, a Sinfonia nº 9 se caracteriza por quatro movimentos unificados pelo principal tema apresentado no primeiro movimento. A obra se inicia com dois andamentos contrastante, o primeiro um Adagio que compõe os primeiros compassos de uma introdução lenta e em sequência um vigoroso tema em arpejo ascendente e ritmo sincopado, tocado pelas trompas, dá início a um Allegro Molto. Esse tema funciona como elemento unificador da obra e que reaparecerá em vários momentos da sinfonia.

O Segundo Movimento, *Largo*, se inicia com um *Solene Coral de Metais e Madeiras graves* que antecede o célebre solo de *corne-inglês*, cuja melodia pode ser associada a uma canção negra norte-americana. O contraste na parte central desse movimento é criado por uma melodia em tonalidade menor e início descendente onde a mesma é acompanhada por *trêmulos* do naipe de cordas, seguida por uma transição com caráter de dança alegre ensombrecida por súbitas lembranças do primeiro movimento voltando ao *Largo* e finalizando o movimento com o coral da introdução.

O *Scherzo*, no Terceiro Movimento, se baseia em material da ópera *Hiawatha*, que Dvořák abandonou. Com seu engenhoso tema em imitação começando no segundo tempo é primoroso do gênero. Em sua melodia principal é notável a superposição de compassos criando um ritmo vertiginoso das danças folclóricas. Ao final, ressurgem o tema do primeiro movimento antes da conclusão em tonalidade menor.

O Quarto Movimento, *Allegro con fuoco*, combina temas anteriores com a música em estilo de marcha, onde a trompas e os trompetes, após uma breve introdução, apresentam o tema principal seguindo por uma transição nostálgica do segundo tema com solo de clarinete. Após uma conclusão brilhante, o desenvolvimento se inicia de forma surpreendente com *trínados* do naipe de madeiras e dramaticamente interrompida com intervenções do primeiro tema reparando o motivo *Largo* com um acompanhamento agitado, derivado do tema inicial; e um crescendo grandioso direciona a uma breve recapitulação dos dois temas principais. O movimento se conclui tranquilamente embasada nos temas anteriores, trazendo de volta os temas principais do quarto e primeiro movimento.

*Texto: Paulo F. Ferreira – Coordenador do Naipe de Metais e 1ª Trombone da OSUCS. Fonte: Guia de Música Clássica, ed. 2010.*



## Solista: **Flávio Gabriel** - Trompete

Um dos mais destacados trompetistas de sua geração, Flávio Gabriel conquistou o 2º Prêmio no Concurso Internacional de Música Primavera de Praga em 2010. O prêmio, inédito na história do trompete no Brasil, é considerado um dos mais difíceis no mundo.

Membro da Orquestra Jovem das Américas entre 2005 e 2007, participou em turnês pela América latina, EUA e Europa e atuou nas gravações dos DVDs “Legacy” e Messa da Requiem de Verdi, este último sob a direção de Plácido Domingos.

Em 2007, atuou como principal trompetista da “Orquestra Juvenil Simon Bolívar” no festival Villa-Lobos na cidade de Caracas - Venezuela, sendo posteriormente, o primeiro estrangeiro convidado a integrar o “Ensamble de Metales de Venezuela”, tendo trabalhado sob a direção do trompetista da Filarmônica de Berlim, Thomas Clamor.

No Brasil, foi o principal trompetista da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre entre 2004 e 2009, e integrou o naipe de trompetes da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo - OSESP, entre 2009 e 2015.

Como solista, tem se dedicado, nos últimos anos, a estréia de obras de compositores nacionais compostas especialmente para ele, além de estréias nacionais de compositores estrangeiros.

Flávio Gabriel iniciou seus estudos aos 11 anos de idade na Banda Lyra de Mauá - SP, onde foi aluno de Bartolomeu Rosa e Carlos Binder. Posteriormente, estudou com os professores Clóvis Beltrami em Campinas - SP e Dr. Nailson Simões na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. Atualmente cursa o doutorado em música na Universidade Estadual Paulista - UNESP e é professor de trompete e percepção na Universidade Federal de Uberlândia - UFU.

*“Este prêmio é de tal importância que o coloca entre os melhores trompetistas do mundo em sua geração. O concurso de Praga é feroz, e os melhores jovens músicos passam por lá. Ele saiu do nosso meio e venceu contra aqueles que estudaram nas melhores escolas do mundo. Pelo que me consta, esta é a primeira vez que um brasileiro vence um importante prêmio internacional sem nunca ter saído do Brasil para estudar.” Alex Klein - Ex-principal oboísta da Orquestra Sinfônica de Chicago*

*“Ele é verdadeiramente um dos mais incríveis jovens trompetistas que tive o privilégio de ouvir e trabalhar durante os meus vários anos de ensino.” Charles Schlueter - Ex-principal trompetista da Orquestra Sinfônica de Boston*

# ABRIL

## QUINTA SINFÔNICA

14 de abril – quinta-feira – 20h30min

UCS Teatro – Caxias do Sul - RS

**Wolfgang Amadeus Mozart:**  
**Abertura da ópera “La Clemenza di Tito”, K. 621**

- *Allegro*

**Joseph Haydn:**  
**Concerto para oboé e orquestra em Dó Maior, Hob.VIIg:C1**

- *Allegro spiritoso*
- *Andante*
- *Rondo: Allegretto*

Solista: **Christoph Hartmann** – Oboé

– INTERVALO –

**Ludwig van Beethoven:**  
**Sinfonia Nº 6 em Fá Maior, Op. 68**

- *Allegro ma non troppo* “Despertar de sentimentos alegres diante da chegada ao campo”
  - *Andante molto mosso* “Cena à beira de um regato”
    - *Allegro* “Dança campestre”
    - *Allegro* “A tempestade”
- *Allegretto* “Hino de ação de graças dos pastores, após a tempestade”

Maestro: **Diego Schuck Biasibetti**



### **Wolfgang Amadeus Mozart:** **Abertura da ópera “La Clemenza di Tito”, K. 621**

Wolfgang Amadeus Mozart (Salzburg, 27 de janeiro de 1756 – Viena, 5 de dezembro de 1791) foi um prolífico e influente compositor austríaco do período clássico.

Mozart mostrou uma habilidade musical prodigiosa desde sua infância. Já competente nos instrumentos de teclado e violino, começou a compor aos cinco anos de idade, e passou a se apresentar para a realeza europeia, maravilhando a todos com seu talento precoce. Chegando à adolescência, foi contratado como músico da corte em Salzburg, porém as limitações da vida musical na cidade o impeliram a buscar um novo cargo em outras cortes, mas sem sucesso. Ao visitar Viena em 1781 com seu patrão, desentendeu-se com ele e solicitou demissão, optando por ficar na capital, onde, ao longo do resto de sua vida, conquistou fama, porém pouca estabilidade financeira. Seus últimos anos viram surgir algumas de suas sinfonias, concertos e óperas mais conhecidos, além de seu Requiem. As circunstâncias de sua morte prematura deram origem a diversas lendas. Deixou uma esposa, Constanze, e dois filhos.

Foi autor de mais de seiscentas obras, muitas delas referenciais na música sinfônica, concertante, operística, coral, pianística e camerística.

Sua produção foi louvada por todos os críticos de sua época, embora muitos a considerassem excessivamente complexa e difícil, e estendeu sua influência sobre vários outros compositores ao longo de todo o século XIX e início do século XX. Hoje Mozart é visto pela crítica especializada como um dos maiores compositores do ocidente, conseguiu conquistar grande prestígio mesmo entre os leigos, e sua imagem se tornou um ícone popular.

*La Clemenza di Tito* (A clemência de Tito), ópera séria em dois atos, foi escrita em 1791, o último ano da vida de Mozart. Um ano conturbado, pois estava gravemente doente e trabalhando na ópera *A Flauta Mágica* quando recebeu uma comissão para compor um réquiem de um estranho vestido num manto cinzento que o deixou obcecado e convencido de que este estranho era um augúrio de morte e que ele estava escrevendo seu próprio réquiem. Pouco depois deste encontro, Mozart recebe um pedido para escrever uma nova ópera para celebrar a coroação do imperador Leopoldo II como Rei da Boêmia. A coroação ocorreria em Praga. O libreto de Metastasio / Mazzola elogiava a bondade e nobreza de Tito e com ele todos os monarcas. Talvez não tenha sido acidental o fato que este libreto foi escolhido para marcar a coroação do imperador Leopoldo numa época em que a Revolução Francesa – que havia iniciado em 1789 – estava desestabilizando monarquias em todo o continente europeu.

Em termos musicais, a abertura da ópera, que foi escrita na noite anterior à première, apresenta uma atmosfera brilhante, e solene grandeza. Introduzindo ideias musicais que serão desenvolvidas ao longo da ópera, também estabelece a relação global tonal da obra entre Dó maior e Mi bemol Maior. O régio ritmo pontuado dos primeiros acordes combinado com um contraponto ao estilo de Bach no desenvolvimento, sugerem a corte formal do imperador. Esta temática vigorosa é seguida e recheada com delicados duetos de flauta e oboé. Harmonias proto-românticas, com um colorido dramático enriquecem algumas passagens contrapontísticas no desenvolvimento. E com um final triunfante, a abertura prenuncia o inesperado desfecho misericordioso da ópera.

*Texto: Anelise Kindel – Oboísta da OSUCS*



## Franz Joseph Haydn:

### Concerto para oboé e orquestra em Dó Maior Hob.VIIg:C1

Franz Joseph Haydn foi um compositor muito respeitado do período clássico. Era um mestre não somente em sua arte, mas também em suas atitudes. Começou sua carreira no sistema de clientelismo tradicional do barroco tardio austríaco e terminou como um “livre” artista dentro do Romantismo crescente do início do século 19. Foi venerado como o primeiro dos três “clássicos vienenses” (Haydn, Mozart, Beethoven) e é considerado o pai da sinfonia clássica. Escreveu para todas as formas e formações, desde quartetos de cordas, oratórios, concertos e sinfonias.

O concerto para Oboé e Orquestra foi composto em torno do ano de 1790 e é apresentado em três movimentos. Haydn liga as três partes por meio de um parentesco temático e constrói no extenso *Allegro spiritoso* do movimento inicial, a presença do instrumento solo. Em compensação, a orquestra não sai de sua função de acompanhamento contido e sensível.

No segundo movimento, *Andante*, Haydn faz uma ligação temática muito sutil, em vários momentos o tema do primeiro movimento está presente e com a mudança para outra tonalidade o efeito elegante característico deste período fica muito evidente.

No terceiro movimento, o compositor extrai o tema em *rondó* estruturado a partir de um tema principal, seguindo com diferentes variações. Nesta obra, o Oboé demonstra toda a extensão de suas capacidades técnicas e de expressão musical. O caráter do instrumento – um elemento comum nos concertos de Haydn – cunha o caráter do concerto, com a mais próxima imitação do canto humano.

*Texto: Julio Cesar Wagner – Primeiro Oboé da OSUCS*





## Ludwig van Beethoven: Sinfonia No. 6 em Fá Maior, Op. 68

No ano de 1808 em Viena, o compositor Ludwig van Beethoven apresentou sua nova composição: a Sinfonia nº 6 em Fá Maior opus 68 a qual foi nominada, por ele mesmo nesta ocasião como: *“Pastoral-Sinfonie oder Erinnerungen an das Landleben, Mehr Ausdruck der Empfindung als Mahlerei”* (Sinfonia Pastoral ou memórias da vida no campo, mais a expressão de sentimentos do que pintura). A estreia desta sinfonia se deu no *“Theater an der Wien”* (Viena) e foi regida por ele mesmo. Esta é uma das mais conhecidas obras de Beethoven e é composta por cinco momentos tocados em três grandes partes.

A *“Pastoral”* contém uma intencionalidade por parte do compositor no sentido de expressar sentimentos em relação a algo íntimo e significativo: a relação com a vida no campo, o amor e encantamento pela natureza. Beethoven tinha consciência de que havia composto uma obra com um potencial descritivo maior que as demais obras já feitas por ele até então e por este motivo, já na primeira apresentação pública, fez questão de enfatizar que sua música tinha mais uma intenção de ser uma expressão de sentimentos do que um desejo de descrever uma cena, fazer uma pintura, ou trazer uma imagem através da música. Nos esboços daquela que viria a ser a sua 6ª Sinfonia, Beethoven deixou escritas frases desconexas como: *“É deixado*

*ao ouvinte descobrir por si mesmo as situações”*; e também: *“tudo pintura sonora, se for forçado demais em música instrumental, perde o valor”*.

Durante quase vinte anos, ele ainda procurou manter esta postura frente a sua 6ª sinfonia, porém, foram encontrados, aproximadamente, 1826 “programas” que já davam subtítulos aos cinco movimentos da obra.

Beethoven subdivide sua obra em cinco momentos distribuídos em três grandes partes. Assim temos uma pausa entre o primeiro e segundo movimento; entre o segundo e o terceiro movimento; e a partir daí a obra é tocada sem interrupções.

Originalmente os movimentos eram: I. Allegro ma non troppo; II. Andante molto mosso; III. Allegro; IV. Allegro; V. Allegretto; Passando após a ter os complementos: I. *Erwachen heiterer Empfindungen bei der Ankunft auf dem Lande* (Despertar dos sentimentos alegres com a chegada ao campo); II. *Szene am Bach* (Cena à beira do riacho); III. *Lustiges Zusammensein der Landleute* (A reunião alegre dos camponeses); IV. *Gewitter, Sturm* (A tempestade); V. *Hirtengesang – Frohe und dankbare Gefühle nach dem Sturm* (Canto pastoril – Sentimento de alegria e agradecimento depois da tempestade).

Mais poderia ser escrito sobre possíveis sentimentos e descrições das imagens que cada movimento proporciona, porém, em compreensão e respeito ao compositor, melhor permitir que cada ouvinte vivencie esta sinfonia tendo suas próprias experiências auditivas que incentivarão o aparecimento de suas imagens nutridas por sua experiência e fantasia.

*Texto: Diego Schuck Biasibetti – Regente Assistente e Violoncelista da OSUCS*



## Solista: **Christoph Hartmann** – Oboé

Natural de *Landsberg am Lech* (Alemanha), iniciou seus estudos musicais em uma escola de música de sua cidade. Assim que Christoph experimentou o oboé, se apaixonou. Aos 13 anos, iniciou seus estudos com este instrumento. Em seguida, entrou para o conservatório de *Augsburg* onde estudou com Georg Fischer. Depois de concluir a escola, em 1984, foi estudar com Günther Passin na escola superior de música em Munique, onde, após concluir seus exames finais, assumiu como docente.

Seu trabalho como músico de orquestra iniciou em 1991 junto à Filarmônica de Stuttgart, ingressando, no ano seguinte, na Filarmônica de Berlin.

Christoph leciona desde 1993 na Academia da Orquestra Filarmônica de Berlin, é solista em diversas orquestras pelo mundo e ministra cursos de pesquisa em arquivos e bibliotecas para repertório. Seu gosto pela música de câmara o incentivou em 1999 a fundar, juntamente com seus colegas, o Festival de Verão Landsberg, em sua cidade natal. Deste festival, nasceu o grupo Ensemble Berlin. O conceito de fazer música de alto nível em uma atmosfera agradável e descontraída é suficiente para que os músicos, a mais de dez anos, queiram sempre voltar.

Há alguns anos, Christoph encontrou em seus estudos e pesquisas em uma biblioteca italiana, manuscritos de um oboísta virtuose: Antônio Pasculli. Christoph não só salvou do esquecimento este virtuose como também permitiu que sua obra pudesse novamente ser apreciada: gravou um CD intitulado “Fantasia Italiana” lançado e distribuído mundialmente pela EMI, que foi muito comentado pela crítica e pelo público. Em 2008, juntamente com o grupo Ensemble Berlin esteve em uma turnê internacional com seu CD solo “Bella Napoli”.

Além da música, Christoph tem outra paixão: o esporte. Gosta de caminhar e de andar de bicicleta. Em Berlin é sócio de uma loja de bicicletas, a “Bikeline”, e tem ainda uma marca própria de bicicleta, que não poderia ser outro se não: PASCULLI.

*Tradução: Diego Schuck Biasibetti – Regente Assistente e Violoncelista da OSUCS*



## Diego Schuck Biasibetti

Regente Assistente da OSUCS

Formado pela *Hochschule für Künste* (Escola Superior de Artes – Bremen – Alemanha) em Violoncelo Barroco com a Prof. Viola de Hoog, em Viola da Gamba com a Prof. Hille Perl e pela UFRGS em Regência Coral com o Prof. Dr. Jockey Bohrer, teve sua formação violoncelística iniciada com André Wentz em Caxias do Sul e posteriormente com Alexandre Diel.

Seu apreço pela Música Antiga fez com que começasse a freqüentar diversos *Masterclasses* com Anatoli Krastev (Bulgária), Mime Yamahiro (Japão), Gaetano Nasillo (Itália), Juan Manuel Quintana (Argentina/Suíça), Sérgio Álvares (Brasil/Suíça), Philippe Pierlot (Bélgica) e Mariane Müller (França).

Participou da gravação dos CDs do 18º, 19º, 20º e 21º *Festival Internacional de Música Colonial Brasileira e Música Antiga*, sob direção de Luis Otávio dos Santos. Em março de 2009, participou da produção da Ópera *La Didone* de Francesco Cavalli tocando Viola da Gamba e Violone; e em janeiro de 2010, com o *Balthasar Neumann Ensemble*, da produção da Ópera *L'Incoronazione di Poppea* de Claudio Monteverdi no *Theater an der Wien*, em Viena na Áustria, tocando Violone sob a direção musical de Christoph Molds. Em 2008 a 2009, foi professor de Violoncelo e regente da Orquestra Jovem da *Kreismusikschule* em Diepholz – Alemanha. Em 2010, foi regente assistente do M<sup>to</sup>. Manfredo Schmiedt no Coro Sinfônico da OSPA. Foi professor de Violoncelo no I, II e III Festival Internacional SESC de Música de Pelotas. Participou em 2011 com a orquestra alemã *Die Kölner Akademie* na Turnê pela América do Sul, sob direção de Michael Alexander Willens. Em 2012 dirigiu a Ópera *Dido e Enéias* de Henry Purcell no projeto Ópera na UFRGS ganhando Prêmio Açorianos de Melhor Espetáculo. Foi ainda solista com a Orquestra Unisinos-Anchieta e a Orquestra Sinfônica da UCS. Em 2013 e 2014, dirigiu a Ópera *L'Orfeo* de Cláudio Monteverdi no projeto Ópera na UFRGS e em agosto de 2014 foi regente convidado no 11º Concerto Oficial da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre - OSPA.

Sua carreira na Europa é marcada como regente do Coro *Da Capo* na cidade de Syke, participação em grupos como *Concerto Copenhagen*, *Die Kölner Akademie*, *Asfelder Vocal Ensemble*, *Balthasar Neumann Ensemble*, *Kammer Sinfonie Bremen*, *Bremer Barock Consort*, e membro fundador de grupos como *Concerto Barroco*, *Bremerey Consort* e *Dario's Revenge*.

Atualmente é primeiro violoncelo na Orquestra Unisinos-Anchieta e violoncelista e regente assistente do Maestro Manfredo Schmiedt na Orquestra Sinfônica da UCS.



# MAIO

## QUINTA SINFÔNICA

**12 de maio – quinta-feira – 20h30min**  
**UCS Teatro – Caxias do Sul - RS**

**Boris Kosak:**

**“Black Forest” para orquestra sinfônica**

**Armando Trovajoli:**

**“Sconcerto” Suite para contrabaixo e orquestra**

- *Blues*
- *Allegretto*
- *Pavane*
- *Scherzo*

**Franco Petracchi:**

**“Valse Oubliée” para contrabaixo e orquestra de cordas**

- *Calmo – Allegretto*

Solista: **Alexandre Ritter** - Contrabaixo

**Claude Debussy/Maurice Ravel:**

**“Sarabande” (Suite Pour le Piano)**

- *Avec une élégance grave et lente*

**Alberto Ginastera:**

**Danças do Ballet Estancia, Op. 8**

- *Los trabajadores agricolas – Tempo giusto*
  - *Danza del trigo - Tranquillo*
- *Los peones de hacienda – Mosso e rúvido*
  - *Danza final (Malambo) - Allegro*

Maestro: **Manfredo Schmiedt**



**Boris Kosak:**  
**“Black Forest” para orquestra sinfônica**

Boris Kosak nasceu em 1970 na Bielorrússia e cresceu na costa do Mar Negro na Ucrânia. Iniciou seus estudos de piano aos 6 anos, posteriormente estudando também violão, violino e acordeon. Na escola, desenvolveu um forte interesse pela matemática, em particular o ramo da topologia, tendo sido inclusive premiado em diversas competições de matemática e física. Aos 17 anos, dividido entre a matemática e música, optou por prosseguir seus estudos no campo musical.

Estudou com Valentin Bibik no Kharkiv Institute of the Arts da Ucrânia, onde se formou com distinção em composição e musicologia. Posteriormente mudou-se para Colônia (Alemanha) para estudar composição com York Höller e composição eletrônica com Ulrich Humpert no Kölner Musikhochschule. Na universidade, também estudou filologia inglesa e francesa. Em Colônia, Boris Kosak estudou diferentes estilos, períodos, gêneros e formas diversas de manifestações artísticas. Experimentou com a pintura, realizou pequenos filmes, atuou como dançarino de salsa, escreveu contos de fada e aprendeu programação de computadores. Ao mesmo tempo, descobriu o raga indiano, a música litúrgica, russa os ritmos cubanos rumba e salsa, o hip-hop e o samba. Durante esse período, tocou teclado em uma banda de samba, escreveu músicas para bandas de hip-hop, para o rádio e também produziu música para meditação.

Todas essas diferentes influências resultaram em um estilo muito pessoal - distanciado das tendências de vanguarda mais difundidas - no qual o compositor combina de forma equilibra-

da a tradição com a modernidade, a sofisticação com o entretenimento. Entre as primeiras composições escritas nesse estilo que o compositor vem desenvolvendo estão o concerto para piano “Il Carnevale di Colonia”, o concerto para orquestra “Tusch” e o concerto para violino “Concerto in stile coloniale”. Durante seus estudos, Boris Kosak demonstrou um especial interesse pela música antiga, tal como a polifonia de Perotin, Leonin, Du Fay e Palestrina, e pela música barroca, cuja influência é evidente em muitas de suas composições, tanto estilisticamente quanto na escolha de gêneros como o concerto, concerto grosso e a *musique de table* (música para festas e celebrações).

Renovando esses gêneros, Kosak os moderniza em miniaturas de um minuto, como em suas 25 “muse-bouches” para piano e suas 25 “petit-fours” para violino e piano, nos quais motivos musicais e culinários são misturados, ou nos 36 “momenti intimi” para violoncelo e piano e nas suas 25 “bagatelles essentielles” para viola e piano, dedicadas às essências e aromas. Além de “amuse-bouches” e “petit-fours”, a culinária também faz parte do conceito programático de “King Arthur’s Tablet Music”, “A little nosh music”, “Straccia-cello” e “Hors d’oeuvre d’un faune” (da “Suite royale”).

Alguns trabalhos do compositor são inspiradas em conexões místico-espirituais, como a suíte vocal “Life cycle” (com texto do compositor), o poema sinfônico “Black Forest” e o concerto para violoncelo “BarCellona concerto”. Reside e trabalha em Colônia, na Alemanha. Sua música tem sido executada na Europa e nos EUA, Canadá, Austrália, Brasil e na China.

O poema sinfônico “Black Forest” evoca desde seus primeiros sons o universo misterioso e enigmático da floresta dos contos de fada, repleta de espíritos tanto bem quanto mal-intencionados. Este mundo mágico repleto de fantasia e imaginação logo se revela em toda sua beleza: o ruído das folhas, as quedas das cachoeiras, o canto dos pássaros e o rugido dos animais selvagens. Nas profundezas da floresta, encontra-se uma fundição abandonada, onde o fogo é aceso durante a noite para que estranhas criaturas possam construir uma espada especial para um herói derrotar o dragão e salvar a princesa.

*Texto: Boris Kosak - Compositor – Tradução:  
Fernando Rauber – Pianista da OSUCS*



### **Armando Trovajoli: “Sconcerto” Suite para contrabaixo e orquestra**

Trovajoli (1917-2013) foi pianista, regente e compositor italiano. Suas raízes musicais vão desde estudar piano erudito no conservatório em Roma a tocar com vários importantes ícones do jazz como Lionel Leo Hampton, Duke Ellington e Chet Baker entre muitos outros. Além disso ele compôs música para vários filmes e programas de TV incorporando o estilo jazz e difundindo tal estilo em suas trilhas. Como maestro, regeu a orquestra da RAI com arranjos de Bill Russo, e Bill Holman entre outros.

Trovajoli escreveu o Sconcerto em 2001 a pedido do famoso contrabaixista, pedagogo, compositor e regente italiano Franco Petracchi. Trovajoli brinca com o nome da obra, onde Concerto defini a estrutura formal de composição onde existem várias regras para com o esqueleto da obra. No Sconcerto ele “desconcerta” (“desconstrói”) tais conceitos e dá ao solista, já no início do primeiro movimento, um acompanhamento em pizzicato e deixa o tema principal para os sopros. Na estrutura formal de um Concerto, nesta mesma parte o solista teria uma melodia ou um motivo importante a ser desenvolvido mais tarde durante o movimento. Inevitável não relacionar o solo inicial de clarinete deste movimento, aqui executado por uma melodia monofônica (sem acompanhamento), com o apreço que o compositor tinha pela música de Benny Goodman. O título deste primeiro movimento, Tempo de Blues, claramente expõem as raízes do compositor com estilo de jazz.

No segundo movimento, Allegretto, Petracchi nos remete as conversas e ensaios que teve com o próprio Trovajoli, onde o compositor

comenta que este movimento deveria ser interpretado com a imagem de um cidadão fazendo um passeio descompromissado pelo parque. A referência musical aqui pode ser relacionada com a peça de George Gershwin, Um Americano em Paris de 1928, onde a ideia de um feliz e tranquilo passeio é tão bem retratada. Ainda neste movimento, notem que Trovajoli não perdoa o solista, e escreve em uma linguagem nada contrabaixística, com partes de rápido e leve caráter materializado em passagem de alternância de diversas configurações de ritmos rápidos. Talvez Trovajoli tenha se inspirado em uma escrita mais idiomática para um instrumento como o piano, ou mesmo nos remetendo ao clarinete de Benny Goodman, instrumentos que propiciam agilidade e velocidade atrelados a leveza; sendo assim, tornando este movimento extremamente virtuosístico para o contrabaixista.

No terceiro movimento, o compositor utiliza o gênero musical de uma dança, a Pavane. Pavane é uma dança extremamente lenta, de caráter processional e típica da Renascença que supostamente era para ser dançada em pares. Um exemplo mais moderno onde a Pavane é usada estilizadamente dentro da música de concerto é a famosa *Pavane pour une Infante Défunte* de Maurice Ravel. Neste terceiro movimento, Trovajoli permite que a lírica e obscura personalidade timbrística do contrabaixo possa ser explorada. Petracchi novamente nos remete as conversas e ensaios que teve com o próprio Trovajoli, e nos coloca que o compositor sugere que o movimento deva ser interpretado como uma Sarabande. Este, sendo outro gênero musical muito difundido nos séculos XVII e XVIII com características sóbrias e com andamento lento, nos remetendo às danças lentas dos salões franceses do período barroco ou mesmo às Sarabande das Suites para violoncelo solo de J. S. Bach, compositor o qual Trovajoli tinha grande veneração.

Encerrando a obra, o IV movimento, Scherzo (Allegro), tem um caráter muito cinematográfico, e o estilo deve ser em tom de grande festa, como uma cena onde muitas pessoas celebram a vida e a felicidade, dançando, brincando, comendo e bebendo. O estilo pertencente a uma Abertura Festiva de Concerto, com certeza deve ser empregado na interpretação deste movimento. Mais para o fim do movimento, Adagio – Lentamente, onde o contrabaixo tem o tema can-



tábil, é inevitável a comparação e similaridade deste tema com o tema do famoso filme E.T - O Extraterrestre (1982), de Steven Spielberg. Mais uma vez, este movimento se mostra um grande desafio para o contrabaixista, tanto em termos da virtuosidade envolvida nas passagens de grande velocidade e com grandes mudanças de

posição, bem como com a lírica empregada nas seções de extrema ternura e expressividade.

Sem dúvida uma peça onde a junção de vários estilos musicais permite ao ouvinte desfrutar de vários mundos em um só.

*Texto: Alexandre Ritter – Contrabaixo solista*



### **Franco Petracchi: “Valse Oubliée” para contrabaixo e orquestra de cordas**

Petracchi nasceu em Pistoia (1937) na Itália, e atualmente vive em Roma. Petracchi é famoso solista do contrabaixo, regente, influente pedagogo e compositor. Muitos compositores importantes homenagearam sua arte escrevendo e dedicando obras à ele, incluindo a Sinfonia Concerto de Mortari (1960), Concerto de Mortari para Franco Petracchi (1966), também de Mortari, Duettni Elegia e Capriccio (1976), de Morricone Estúdio 89, Duetti de Berio para Violoncelo e Contrabaixo, de Nino Rota o Divertimento Concertante, e de Armando Trovajoli, o *Sconcerto*.

Assim como na música de Nino Rota, Ennio Morricone e Armando Trovajoli, a Valse de Petracchi nos remete a uma narrativa musical onde cada frase tem um significado, tem um pano de fundo quase cinematográfico, onde diferentes cenários se desenvolvem através da peça.

Petracchi nos conta que, quando tinha dezesseis anos, compôs um tema que, por muitos anos, esqueceu no fundo de uma gaveta. Anos depois, por volta de 1995, ele reencontrou tal tema e resolveu mostrar para sua filha, quem se encantou e pediu para o pai desenvolvê-lo em

uma peça completa. Temos então o entendimento do título, Valsa Esquecida.

A peça originalmente foi escrita para orquestra de cordas e posteriormente foi transcrita para violino, dedicado a Mariana Sirbu, para violoncelo dedicado a Rocco Filippini e para contrabaixo e orquestra, e também com uma versão para contrabaixo e piano. Existe também outra versão para orquestra de cordas e piano bem como para canto e orquestra. Assim, como nas quatro famosas *Valses Oubliées* de Franz Liszt, a Valse de Petracchi dança entre caracteres muito melódico, intimista e expressivo, e como numa *Reverie*, nos leva a um estado de sonhos. A peça começa com uma breve introdução, onde o tema inicial é exposto logo em seguida com um temperamento um pouco mais *Giocoso* (brincalhão), onde uma valsa estilizadamente instrumental é retratada. Este mesmo tema será utilizado também no final da peça, só que com um andamento muito mais tranquilo, intimista e reflexivo. O segundo tema nos transporta a uma história onde o roteiro se desenvolve, o drama recitado se torna complexo, breves diálogos ocorrem e eventualmente se resolvem.

A “história” contada por Petracchi, muita clara me é, uma breve introdução para estabelecer o clima do drama, na qual, logo em seguida, o tema principal é exposto em uma valsa estilizada e mais *giocosa*. Na parte central, a história se desenrola com todas as suas complexidades, e, no fim, a Valse que fora quase esquecida, retorna mais lenta, mais intimista e mais resignada, como uma lembrança quase apagada de um passado distante.

Uma preciosidade da escrita Italiana, assim como nas trilhas de Morricone, o ouvinte será levado pela história e transportado para fora da realidade como num estado de sonhos.

*Texto: Alexandre Ritter – Contrabaixo solista*





### **Claude Debussy/Maurice Ravel: "Sarabande" (Suite Pour le Piano)**

Claude Debussy, nasceu em uma família pobre na França em 1862, mas seu grande talento ao piano o levou ao Conservatório de Paris aos 11 anos. Aos 22 anos, ele ganhou o Prix de Rome, com sua composição *L'enfante prodigue*, que financiou quatro anos de estudos na Academia Francesa em Roma. Após a virada do século, Debussy estabeleceu-se como a principal figura da música francesa. Uma de suas características marcantes foi a grande ligação de sua música com as artes plásticas, mais especificamente a pintura impressionista.

O impressionismo de Debussy residiria no caráter fluido e vago, de seus sutis jogos harmônicos, em que a melodia parecia dissolver-se. Mas essa fluidez era a aparência, como depois se viu. A melodia não se dissolveu propriamente, mas libertou-se dos cânones tradicionais, das repetições e das cadências rítmicas. Debussy não seguiu também as regras da harmonia clássica:

deu uma importância excepcional aos acordes isolados, aos timbres, às pausas, ao contraste entre os registros, trazendo uma nova concepção de construção musical, que se acentuou na sua última fase. Por esse motivo, foi incompreendido mas não se desagradou, pois ele mesmo propôs, certa vez, a criação de uma 'sociedade de esoterismo musical'.

Em 1894, Claude Debussy, compôs a *Suite Pour le piano*, um conjunto de três peças que foram finalmente publicados em 1977 sob o título *Imagens oubliées*, sendo elas: *Prélude*, *Sarabande* e *Toccata*.

A segunda é referida na capa como "Souvenir du Louvre, Dans le mouvement d'une Sarabande, c'est-A-dire avec une élégance grave et lente, même un peu vieux, portrait". No ritmo de uma Sarabanda, ou seja, com uma elegância solene e lenta, como um velho retrato, memória do Louvre. A peça foi publicada separadamente em 1896 no periódico *Le Grand Journal du Lundi*, e, em seguida, pontualmente revisada, como parte de *Pour le Piano* em 1901, sob o título "Sarabande". As referências a "um velho retrato" e ao Louvre são lembretes da importância das artes visuais para ele. Debussy observou, em 1911, que amava imagens quase tanto quanto a música.

Só temos a agradecer ao grande compositor francês Maurice Ravel pela orquestração desta bela composição dedicada ao piano. *Sarabande* nos remete a uma bela pintura impressionista, cheia de cores, sem contornos ou formas definidas.

*Texto: Tércia Oliveira - Violinista*



### **Alberto Ginastera: Danças do Ballet Estancia, Op. 8**

O compositor argentino Alberto Ginastera é considerado um dos mais importantes e originais compositores da América do Sul do século 20. Nasceu em Buenos Aires no dia 11 de abril de 1916. Começou a estudar piano aos sete anos e aos doze ingressou no Conservatório Williams. Em 1935, graduou-se maestro com medalha de ouro no Conservatório Nacional de Música. Dedicou-se a composição, sendo sua primeira obra o balé *Panambí*, escrito aos vinte e um anos de idade. Com essa obra ganhou diversos prêmios, dentre



eles o Prêmio Nacional de Música. Em 1941, por encomenda de Lincoln Kirstein, escreveu a mais conhecida de suas obras, o Balé *Estância*.

Em 1945, após receber uma bolsa de estudos, viajou para os Estados Unidos onde frequentou as aulas do compositor Copland em Tanglewood. Depois disso, sua vida dividiu-se entre a Argentina e o exterior, sendo, às vezes, obrigado a viajar devido a mudanças políticas de seu país. Em 1971, estabeleceu-se em Genebra, na Suíça.

Até meados dos anos 50, sua música foi essencialmente nacionalista, de uma forma comparável a Bartók, Falla e Stravinsky, mas orientou-se para um expressionismo atonal, que tem laços com Berg e Penderecki. Isso tornou possível seu desenvolvimento tardio como compositor de óperas altamente densas como *Don Rodrigo* (1964), que tem como base composicional o dodecafonismo.

Ginastera é o representante mais importante do nacionalismo musical argentino. Sua obra abrange todos os gêneros musicais. Compôs três óperas, balés, cinco obras orquestrais, um concerto para harpa, dois concertos para piano, dois concertos para violoncelo, um concerto para violino, duas obras para coro, cantatas, obras para piano, voz, órgão, flauta, violão e música de câmara. Ele também compôs música para teatro e trilha para onze filmes. Seu repertório contém o total de cinquenta e cinco obras. Essa lista poderia ser maior, mas, por ser perfeccionista e meticuloso, acabou retirando algumas obras do seu catálogo. Ginastera faleceu no dia 25 de junho de 1983 na cidade de Genebra.

Talvez uma das características mais distintas da América Latina seja sua grande variedade cultural, constituída por manifestações das mais diversas naturezas, provocando uma riqueza inigualável de costumes, ambientes e crenças. É dessa fonte inesgotável de inspirações que o sedento espírito musical de Alberto Ginastera se nutriu. Suas obras são como quadros que expressam as cenas mais emblemáticas da paisagem latino-americana, através de uma perspectiva nunca antes explorada. Sua temática se concentra nas cenas gauchescas, nas danças características dos pampas, na cultura dos

Andes, nos pastos dos planaltos argentinos e em muitas outras inspirações. Sua música é visceral, intensa e expressiva, e representa a mescla das grandes formas ditas europeias, como o ballet, óperas, concertos e sonatas, com elementos locais como as melodias andinas, as danças dos crioulos, os festejos gauchescos e tantas outras fontes, constituindo assim um estilo híbrido bem peculiar de sua identidade.

A suíte *Danzas de Estancia, Op. 8a* (1941) para orquestra foi retirada de uma obra maior de Ginastera: o balé *Estancia Op. 8* do mesmo ano. Devido a um problema com a companhia de balé que iria estrear a obra, Ginastera se viu forçado a apresentá-la de outro modo. Portanto, escolheu quatro danças de seu balé e as agrupou em uma suíte para orquestra. O balé completo só foi estreado em 1952 e, por esse motivo, a suíte ficou famosa muito antes do próprio balé do qual ela foi retirada. O termo estancia pode ser traduzido e descrito como um rancho que se situa em meio ao campo, ou um abrigo humilde onde os trabalhadores rurais descansam e se reúnem para festejos e celebrações – paisagem que muito marcou a infância de Ginastera. Essa suíte – ou conjunto de danças – é formada por quatro partes: 1) Los trabajadores agrícolas (Os trabalhadores agrícolas); 2) Danza del trigo (Dança do trigo); 3) Los peones de hacienda (Os peões da fazenda) e 4) Danza Final (Dança Final) – Malambo. Ou seja, são danças sequenciais baseadas no cotidiano rural.

Talvez a obra mais executada dentre todas as composições de Ginastera seja o último movimento dessa suíte, Malambo (Dança Final). O Malambo é uma dança típica dos bailes argentinos e que exige do dançarino uma grande habilidade com as movimentações das pernas. Geralmente é uma dança individual, e que retrata toda a virilidade e vigor do trabalhador rural. Esse movimento se desenvolve sobre um ritmo vigoroso e frenético feito pela orquestra, em momentos extasiantes conjugados com uma orquestração suntuosa, digna de representar a incessante jornada de trabalho dos peões dos pampas.

*Texto: Douglas Gutjahr – Coordenador da Percussão da OSUCS*





**Solista: Alexandre Ritter – Contrabaixo**

Alexandre desenvolve desde 2000, trabalho artístico, pedagógico e de pesquisa na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (Porto Alegre/RS), e vem mantendo uma classe de contrabaixos produtiva desde então. Hoje, seus alunos estão empregados em diferentes instituições no Brasil. Além disso, seus alunos estão constantemente desenvolvendo estudos de pós-graduação no Brasil e no exterior.

Alexandre recebeu ambos os títulos de Doutor e Bacharel em Performance pela The University of Georgia (EUA). Sua formação musical e acadêmica também inclui um ano de mestrado em Performance de Contrabaixo na University of British Columbia (Canadá).

Ele também recebeu bolsas de estudo para programas como para a Academia Musicale Chiggiana em Siena/Itália, recebendo Diploma di Mérito, para o Campus Internazionale di Musica em Sermoneta na Itália, para o Banff Orchestral Program e para o Toronto Summer Music Academy no Canadá, bem como para o North Caroline School for the Arts nos EUA. Além disso, ele teve a oportunidade de tocar em importantes festivais e simpósios e aprender com contrabaixistas tais como, A. Guaracy Guimarães, Milton R. Masciadri, Milton W. Masciadri, Kenneth Friedman, Franco Petracchi, Joel Quarrington, Edwin Barker, Gary Karr e François Rabbath, entre outros.

Como pesquisador, Alexandre tem trabalhado em colaboração com o famoso pedagogo e intérprete de contrabaixo, Francesco Petracchi, e o resultado deste projeto de pesquisa culminou com uma dissertação de doutorado em 2010, que

agora foi publicada em sua íntegra no Online Journal of Bass Research - OJBR.

Outros exemplos significativos de suas pesquisas e produções bibliográficas podem ser avaliadas em dois artigos que publicou com a revista Bass World. Além disso, Alexandre tem apresentado palestras nos EUA, Brasil e Europa, como no 2014 European Bass Congress.

Como produtor, Alexandre tem sido o coordenador do Encontro Internacional de Contrabaixistas Milton Masciadri Romay, desde sua primeira edição em 1999 e que está agora em sua quarta edição.

Nesses importantes Encontros, ele trouxe para o Brasil alguns dos melhores artistas e pedagogos na área do contrabaixo acústico, com nomes como Milton W. Masciadri, Francesco Petracchi e Joel Quarrington. Além disso, em 2005, juntamente com INMETRO, empresa de utilidade pública no Brasil, Alexandre teve a oportunidade de ser o Produtor Executivo, Diretor Artístico e contrabaixista no projeto intitulado "Die Forelle", "A Truta", de F. Schubert. Neste projeto, foi gravado e produzida uma turnê no Brasil, assim como foi produzida uma página na internet com um intuito artístico e pedagógico.

A experiência profissional de Alexandre como um músico de orquestra inclui compromissos com instituições na Américas do Norte e Sul, incluindo a Orquestra de Câmara ARCO, a Savannah, Charleston, Greenville, Athens e Sinfônica de Augusta, nos EUA, bem como Orquestra de Câmara do Theatro São Pedro, Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA), UNISINOS e Orquestra Sinfônica do Paraná (OSINPA), no Brasil.

Como solista, Alexandre teve a oportunidade de tocar de Giovanni Bottesini, o Concerto No. 2 bem como o Concerto de S. Koussevitzky com a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre - OSPA. Com a Camerata Florianópolis, ele também tocou de Nino Rota, o Divertimento Concertante, e com a Orquestra de Câmara da Ulbra, ele fez a estreia mundial do Concertino Ars Antiqua de Marcelo Nadruz. Além disso, Alexandre vem produzindo uma turnê uma vez por ano no Brasil, com um programa de solo para contrabaixo e piano.

Recentemente, Alexandre está desenvolvendo um projeto de música Jazz e Música das Américas com o guitarrista e cantor Raul Leitão.

# JUNHO

## QUINTA SINFÔNICA

### Parceria OFPUCRS – OSUCS

15 de junho – quarta-feira – Salão de Atos da PUCRS, às 20h

16 de junho – quinta-feira – UCS Teatro, às 20h30min

### Orquestra Filarmônica da PUCRS e Orquestra Sinfônica da UCS

**Antônio Carlos Gomes:**

#### **Sinfonia da ópera “Il Guarany”**

- *Andante grandioso e marcato – Andante espressivo – Andante grandioso e marcato – Andante maestoso espressivo - Allegro vivo – Allegro espressivo – Energico*

**Sergei Rachmaninoff:**

#### **Rapsódia sobre um tema de Paganini, Op. 43**

- Introdução: *Allegro vivace* - Variação 1 - Tema: *L'istesso tempo* - Variação 2: *L'istesso tempo* - Variação 3: *L'istesso tempo* - Variação 4: *Più vivo* - Variação 5: *Tempo precedente* - Variação 6: *L'istesso tempo* - Variação 7: *Meno mosso, a tempo moderato* - Variação 8: *Tempo I* - Variação 9: *L'istesso tempo* - Variação 10: *L'istesso tempo*
- Variação 11: *Moderato* - Variação 12: *Tempo di minuetto* - Variação 13: *Allegro* - Variação 14: *L'istesso tempo* - Variação 15: *Più vivo scherzando* - Variação 16: *Allegretto* - Variação 17: *Allegretto* - Variação 18: *Andante cantabile*
- Variação 19: *A tempo vivace* - Variação 20: *Un poco più vivo* - Variação 21: *Un poco più vivo* - Variação 22: *Marziale. Un poco più vivo* - Variação 23: *L'istesso tempo* - Variação 24: *A tempo un poco meno mosso*

Solista: **Fernando Viani** - piano

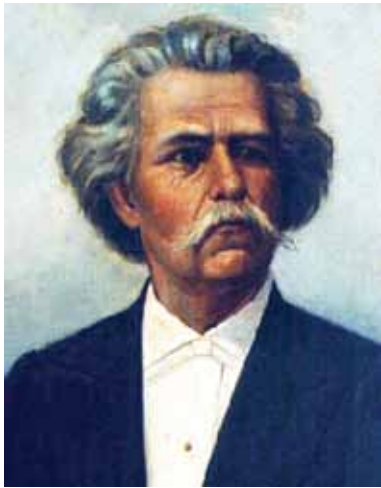
**Hector Berlioz:**

#### **Sinfonia Fantástica (Episódio da Vida de um Artista), Op. 14**

- Devaneios e Paixões - *Largo; Allegro Agitato e Appassionato Assai*
  - Um Baile - Valse: *Allegro Ma Non Troppo*
    - Cena Campestre - *Adagio*
  - Marcha para o Cadafalso - *Allegretto Non Troppo*
- Sonho de uma Noite de Sabá - *Larghetto; Allegro Assai*

Maestro: **Manfredo Schmiedt**





### **Antônio Carlos Gomes:** **Sinfonia da ópera “Il Guarany”**

Antônio Carlos Gomes é o maior expoente do romantismo musical no Brasil. Nascido em Campinas, São Paulo, iniciou seus estudos musicais com seu pai. Após o grande sucesso de sua primeira ópera, “A Noite do Castelo”, transferiu-se para o Rio de Janeiro, caindo nas graças do imperador Pedro II. Em 1863, embarcou para a Europa com uma bolsa de estudos concedida pelo Imperador. Estudou no Conservatório de Milão, e foi na Itália onde compôs suas principais obras, entre elas “O Guarani”.

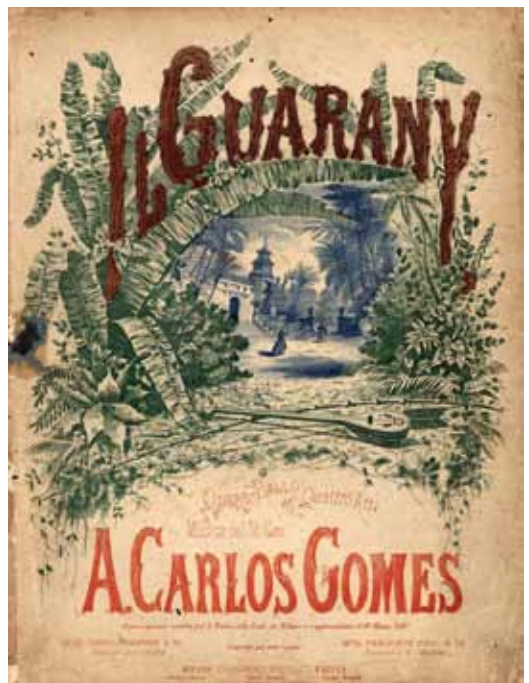
A ópera é baseada no livro homônimo de José de Alencar. Foi, sem dúvida, o primeiro sucesso de uma obra musical brasileira no exterior. Carlos Gomes começou sua composição entre 1867 e 1868, mas ela só foi finalizada mais tarde e teve sua estreia em grande estilo, no dia 19 de março de 1870, no Teatro Alla Scalla de Milão, na Itália. No mesmo ano, em razão das comemorações do aniversário de Don Pedro II, “O Guarani” foi encenado no Rio de Janeiro, em 02 de dezembro. Em 1879, a ópera rodou o mundo e foi apresentada em cidades como Livorno, Milão, Moscou e Pittsburgh. O grande Verdi, ao assistir a “O Guarani”, teria dito de Carlos Gomes: “*Questo giovane comincia dove finisco io!*” (“Este jovem começa de onde eu termino!”).

A história se passa nos arredores do Rio de Janeiro, por volta de 1560, em um momento em que os índios Aimorés e Guaranis estão em guerra. É uma história de amor impossível, com

muitas lutas, fugas e heroísmo, em um estilo nacionalista de valorização do homem e da pátria. Uma das personagens principais é Cecília (Ceci), filha de Don Antônio de Mariz – um velho fidalgo português chefe de uma colônia lusitana –, que está comprometida a casar-se com Don Álvaro. Mas Cecília se apaixona pelo índio Peri, líder da tribo Guarani que, por sua vez, também se apaixona por ela. Peri resolve apoiar os portugueses na luta contra os Aimorés e, a partir daí uma série de aventuras se desenrolam para que Ceci e Peri possam viver o seu amor.

A abertura da ópera acabou ganhando vida própria, sendo executada recorrentemente, não só no Brasil como no exterior. Certamente é a obra musical clássica brasileira mais conhecida do nosso público. Quem nunca ouviu a vinheta de abertura de “A Voz do Brasil”? Na abertura, Carlos Gomes expõe os temas que mais tarde irá desenvolver na ópera. Desde o majestoso início dos metais ao final vivo e eletrizante, passando por temas cheios de lirismo, é uma obra que continua a emocionar mesmo passados 145 anos de sua estreia.

*Texto: Alexandre Diel – Chefe de Naípe dos Violoncelos e Coordenador das Cordas Graves da OSUCS*



Cartaz da ópera “Il Guarany”, de Carlos Gomes



**Sergei Rachmaninoff:**  
**Rapsódia sobre um tema de Paganini  
para piano e orquestra, Op. 43**

Rachmaninoff compôs esta obra na sua casa na Suíça as margens do Lago dos Quatro Cantões e sua estreia aconteceu em Baltimore com o próprio compositor dirigido por Leopold Stokowsky. No começo da Primeira Guerra Mundial foi exilado com a sua família e desde 1917, praticamente não escreveu mais até 1931 (Variações “Corelli” Op. 42 para piano).

A Rapsódia de 1934 se apoia harmônica e melodicamente, quase anacronicamente, na tradição do romantismo, apesar de ter sido escrita mais de vinte anos depois da escandalosa estreia da Consagração da Primavera de Stravinsky; da estética anti-wagneriana dos Prelúdios de Debussy e do postulado dodecafônico de Schönberg; oito anos depois da apresentação do percussivo e dissonante Concerto para Piano Nº. 1 de Bartók; e quase contemporâneo da obra “Ionisation” de Edgard Varèse, além de ser criticado por não pertencer ao movimento atonal iniciado por seu colega Skriabin.

As vinte e quatro variações se baseiam no conhecido tema do capricho Nº. 24 do virtuoso violinista do século XIX Niccolò Paganini, também utilizado por diversos compositores devido ao seu caráter forte e simples, o que tornou esta melodia um símbolo de introdução ao desenvolvimento da destreza instrumental. Rachmaninoff dá o título de “Rapsódia” e não variações, talvez querendo dar unidade de conceito e acentuando o caráter de variação livre. Na variação VII, incorpora um tema secundário: o “Dies irae”, da missa dos mortos do século XIV.

Em uma carta, Rachmaninoff declara o caráter programático de sua música descrevendo a lenda sobre Paganini, que vendeu sua alma ao diabo para poder alcançar a perfeição na execução do violino e assim conquistar o amor de uma mulher.

Pode-se agrupar as variações em três movimentos:

- Introdução, Var. I (que precede o tema) e o tema até a variação X: Paganini e o diabo, representado pelo tema do “Dies Irae”.
- Var. XI até a var. XVIII: sedução da mulher e conquista do amor. Clímax na Var. XVIII com o tema invertido.
- Var. XIX até a var. XXIV: Finale e triunfo do diabo.

Pouco depois do início da Segunda Guerra mundial, Rachmaninoff partiu novamente para o exílio nos Estados Unidos, onde morreu, em 1943, aos 70 anos. Depois da Rapsódia compôs somente duas obras: Sinfonia Nº. 3 Op.44 e as Danças Sinfônicas Op.45.

*Texto: Fernando Viani – Piano Solista  
Tradução: André Meneghello – Spalla e Coordenador  
das Cordas Agudas da OSUCS*



## **Hector Berlioz:** **Sinfonia Fantástica, Op. 14**

Com o subtítulo “Episódio da vida de um artista”, esta sinfonia teria sido elaborada após o compositor ter assistido, em dezembro de 1827, a uma representação de Hamlet de Shakespeare. O que inspirou o compositor, porém, não foi a peça teatral, mas sim a atriz Harriet Smithson, por quem se apaixonou. Cerca de três anos depois, Berlioz se utilizou desta paixão como pano de fundo para uma sinfonia programática, sendo a primeira grande realização deste gênero, o qual se tornaria um dos mais característicos do Romantismo.

Na estreia da Sinfonia Fantástica em Paris, em 1830, o público recebeu um livreto que explicava o conteúdo de cada movimento, para que pudesse acompanhar a “narrativa” e seus desdobramentos. O programa conta a saga de um jovem artista apaixonado através de uma série de fatos reais e imaginários, ligados por um artifício criado por Berlioz, conhecido como “ideia fixa”, um motivo musical associado com a figura da amada, que vai sendo retrabalhado obsessivamente no decorrer da sinfonia, aparecendo com as mais diversas características.

A sinfonia se inicia no momento em que o jovem músico, consumido pelo ópio, cai em sono profundo durante o qual tem sonhos que se alternam com pesadelos terríveis, nos quais a figura da amada é sempre recorrente. Conforme escreveu Berlioz no programa “a passagem do estado de sonho melancólico, interrompido por alguns momentos de alegria, seu retorno à ternura, suas lágrimas, suas consolações religiosas”. No segundo movimento o herói está em um baile, no qual sua amada aparece em meio a uma música agitada. O movimento seguinte é uma cena campestre, onde o jovem reflete sobre sua situação, iniciando com tranquilidade, mas transformando-se até chegar a um grande desespero. Mais uma dose de ópio e o deprimido artista entra “em um sono acompanhado das visões mais horríveis”. Em seu delírio, ele acredita ter matado a amada, sendo por isso condenado à execução. Segue-se a “Marcha da Decapitação”, considerada uma das peças mais macabras do repertório sinfônico. No próximo movimento, “Sabá das Bruxas”, o jovem músico “vê a si próprio em um sabá, no meio de um horripilante grupo de fantasmas, feiticeiras, monstros de toda espécie, que vêm para seu funeral”. Agora a melodia associada com a amada aparece de forma grotesca e paródica. Ouvem-se os sinos da morte e há uma citação satírica do Dies Irae (canto associado ao Dia do Julgamento nos ritos funerários), que se mistura com a dança da orgia selvagem e diabólica.

A Sinfonia Fantástica chocou grande parte do público naquele ano de 1830, pois quebrava diversos parâmetros da composição sinfônica, começando pela ideia totalmente inédita de uma sinfonia autobiográfica. Apesar disso, foi uma das mais importantes composições da primeira metade do século XIX e exerceu grande influência sobre a geração de compositores posteriores.


*Texto: Ramon Stein - Coordenador das Madeiras e  
Primeiro Clarinete da OSUCS*



### Solista: **Fernando Viani** – Piano

Fernando Viani nasceu em Mendoza, Argentina, no ano de 1969 e iniciou seus estudos musicais aos 7 anos de idade. Em 1993, ingressou na Escola Superior de Música da Universidade Nacional de Cuyo (U.N.C.), onde recebeu seu primeiro diploma com a máxima pontuação no ano de 1993, sob a direção da pianista Prof. Dora De Marinis. Durante estes anos, conquistou o Primer Prêmio no Concurso de Piano da Cidade de Lincoln, o Primer Prêmio no Concurso do Centro de Estudos De Piano, a Medalha de Ouro no Concurso Alberto Williams de melhor interpretação do compositor Argentino (Buenos Aires). Nos anos de 1992 e 1993, foi convidado, consecutivamente, a participar do prestigioso Festival Internacional de Música de Câmara, Bariloche, Argentina, onde realiza concertos e trabalha com professores como Carlo Bruno, Ana Chumachenco e Oscar Lysy. Nesta importante fase de sua carreira, também teve a possibilidade de ser assessorado musicalmente pelo Maestro Bruno Gelber. A partir de 1993, começa um projeto intensivo de pesquisa e gravação junto a outros pianistas e cantores, resultando na gravação de 13 discos compactos com a obra completa para piano e canções dos compositores argentinos Luis Gianneo, Juan José Castro e Carlos Guastavino. Em 1996, foi criada a Fundação Ostinato para a difusão da música clássica argentina e, em 1999, obtém um contrato com a empresa Naxos. Sua arte pianística se enriquece profundamente com a pós-graduação realizada entre os anos de 1994

e 2002 na Staatliche Hochschule für Musik Karlsruhe (Alemanha), com as professoras Prof. Fany Solter e Dinorah Varsi, sendo, principalmente, influenciado pela grande pedagoga Prof. Sontraud Speidel. Em 2002, seus estudos culminam com o recebimento do título “Konzertexamen” e as maiores distinções. Entre 2003 e 2005, é convidado regularmente pelo Quarteto Verdi para o Festival, Vielsaitig, em Füssen (Alemanha). Desde 2012, trabalha artisticamente com a professora Marisa Somma, na Itália. Desde 1994, tem desenvolvido um intenso trabalho pedagógico gerando um numeroso grupo de pianistas, que somam mais de 200 prêmios nos importantes concursos nacionais e internacionais, e culminam na fundação da Melvin Musikakademie para jovens talentosos em novembro de 2006. Em 2012, ganhou um posto no Konservatorium Berna, e desde então, radica-se na Suíça. A flexibilidade e as características multifacetadas de sua musicalidade, o levam a encarar com êxito o repertório mais variado de música para piano solo e música de câmara com orquestra. Pode-se citar especialmente os concertos com a BadenBadener Philharmonie, a Orquestra Sinfônica Nacional (Buenos Aires), a Orquestra Sinfônica da U.N.C., a Orquestra Sinfônica de Entre Ríos, a Filarmónica de Mendoza e os numerosos recitais nos teatros e cidades dos Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra, Itália, França, Áustria, Suíça, Dinamarca, Espanha, Noruega, Argentina, Índia, Jamaica e Canadá; e as execuções para a Rádio Nacional Argentina e a Rádio da Staatliche Hochschule für Musik Karlsruhe. Em 2006, gravou a obra completa para piano e órgão de Alberto Ginastera no ano do seu 90º aniversário para a mesma empresa, recebendo excelentes críticas em todo o mundo. Junto ao violinista Anke-Bettina Melik e ao violoncellista Andrej Melik, se consolida o Melvin Piano Trio, com quem realiza Masterclases e leva à direção artística do Festival Sternenbergl para música de câmara na Alemanha. Um dos pontos culminantes destes concertos foi o realizado com a renomada contralto Ingeborg Danz. Em 2009, compõe, grava e executa em concertos a música para os “Belebte Bilder” (Aquarelas animadas) da pintora argentina Gabriela Stellino, e a estreia



do filme com música ao vivo no “Morat Institut” em Freiburg. Em 2011, se concretiza um projeto de grande envergadura: os 24 Prelúdios de Debussy e também com aquarelas animadas de Stellino, que tem uma acolhida exitosa.

*“São eles, em definitivo, processos misteriosos, quando de repente, em um país chovem novos talentos e imediatamente uma explosão criativa se faz conhecer fora dos limites daquele. Penso naqueles anos, nos que os argentinos Martha Argerich e Bruno Leonardo Gelber, o uruguaio Homero Francesch – somente para citar três nomes – fizeram furor na Europa. E agora são jovens damas como a venezuelana Gabriela Martínez o a argentina Gabriela Montero, quem se deixam escutar com suas grandes capacidades técnicas e um talento individual para comunicar-se. A estas descobertas sul-americanas, quero adicionar o argentino Fernando Viani”. Klassik Heute (09.07.2007)*

*“Momentos de uma força indomável e outros de uma doçura maravilhosa”. Badische Zeitung (23.07.2007)*

*“Não só brilhou, mas ele criou. Teve, além disso o esplendor e elegância, doçura e alma”. Badischer Zeitung (09.10.2003)*

*“Ele domina a afortunada conexão entre a técnica excelente e o grande poder de expressão”. Lahrer Zeitung (07.10.2003)*

*“Triunfa com uma técnica endemoniada”. Badische Neueste Nachrichten (09.10.2002)*

*“Totalmente concentrado, o músico executou com corpo e alma. Seus dedos correm flexíveis e incrivelmente rápido sobre as teclas”. Badische Neueste Nachrichten (28.10.1996)*

*“Com o ímpeto de um virtuoso”. Pforzheimer Zeitung (17.01.1997)*

*Tradução: Daniel Reuse – Violinista da OSUCS*



## Orquestra Filarmônica da PUCRS

Foi fundada em 2004 pelo maestro Frederico Gerling Junior. Desde 2010, tem na regência o maestro Marcio Buzatto, e faz parte do Instituto de Cultura da PUCRS, que tem a direção do prof. Flavio Kiefer. Em seu repertório destacam-se algumas das principais óperas, como: A Flauta Mágica; Rigoletto; A Viúva Alegre; O Barbeiro de Sevilha; Aída; Fausto; La Traviata; La Gioconda; Carmen; La Bohème; e O Guarani, entre outras. Além do repertório sinfônico clássico, consta dentre suas performances, oratórios e ballets. A Orquestra possui um vasto repertório em em seu histórico, desde o erudito, trilhas de filmes, trechos de musicais e canções, Dentre as realizações mais significativas da Orquestra, está a série cultural “Concertos Comunitários”, parceria realizada durante 26

anos, até o ano de 2013, com o Grupo Zaffari, levando à público alguns os maiores espetáculos e óperas já vistos em Porto Alegre.

A Orquestra Filarmônica da PUCRS atua tanto em eventos dentro da Universidade quanto em concertos destinados ao público em geral. Dentre as principais atividades destacam-se o Projeto Sobremesa Musical, que integra a comunidade universitária e também a comunidade em geral, oferecendo diversas atrações culturais, todas às quartas-feiras, com entrada franca. Em 2014, iniciaram quatro concertos denominados “Concertos PUCRS”, “Concertos Especiais PUCRS”, “Concertos Internacionais PUCRS” e “Concertos PUCRS na Comunidade” atendendo público universitário, mas entrando solidamente também no circuito cultural do Estado do Rio Grande do Sul, como mais três séries sinfônicas de concertos para a comunidade.

### Orquestra Filarmônica da PUCRS – Regência: Maestro Marcio Buzatto

#### VIOLINOS I:

Danilo de Campos Vieira (*Spalla*)  
Daniel de Abrantes-Timm  
Carlos Sell  
Gabriel Ludwig

#### VIOLINOS II:

Paulo Cesar Santos Barcelos  
Alexandre Starosta  
Iran Jorge da Silva  
Carlos Omar Aguirre Corujo

#### VIOLAS:

Delmar Breunig  
Miguel Pimenta Mutuberrria

#### VIOLONCELOS:

Neemias Silva Santos  
Rachel Alquati

#### CONTRABAIXO:

Filipe Samuel Müller

#### FLAUTA:

Vinicius Dias Prates

#### Oboé:

Júlio César Wagner

#### CLARINETE:

Elimar Blazina

#### FAGOTE:

Adilson Vieira

#### TROMPAS:

Leandro Nunes Rodrigues  
Saulo Emanuel Coelho

#### TROMPETES:

Jézer dos Santos da Silva  
João Carlos Ribeiro

#### TROMBONES:

Maximiliano Villalba  
Leandro Sudbrack

#### TUBA:

Leonardo Sawtschenko Guerra

#### PERCUSSÃO:

Claudioberto Braga

#### PIANO:

Leandro Faber

# JULHO

## QUINTA SINFÔNICA

14 de julho – quinta-feira – 20h30min  
UCS Teatro – Caxias do Sul - RS

**Claude Debussy/Maurice Ravel:**  
**“Danse (Tarantelle Styrienne)”**

- *Allegretto*

**Maurice Ravel:**  
**Concerto para piano e orquestra em Sol Maior**

- *Allegramente*
- *Adagio assai*
- *Presto*

Solista: **Miguel Lecueder Canabarro** – Piano

**Camille Saint-Saëns:**  
**Sinfonia em Lá Maior**

- *Poco adagio-allegro vivace*
  - *Andantino*
  - *Scherzo, vivace*
- *Finale, allegro molto-presto*

Maestro convidado: **Helder Trefzger**



### Claude Debussy/Maurice Ravel: “Danse (Tarantelle Styrienne)”

Assíduo frequentador da belle époque parisiense, Achille-Claude Debussy se tornaria um dos principais articuladores da revolução artística no final do século 19. Nascido em Saint Geman en Laye, cidade próxima a Paris, no dia 22 de agosto de 1862, era o primogênito do casal Victorine Josephine Sophie Manoury e Manuel Achille Debussy. Após a falência dos negócios de seu pai que comercializava porcelanas, mudou-se com a família para a capital francesa, onde iniciou seus estudos musicais aos 9 anos de idade.

Debussy excursionou por toda a Europa. Adquiriu experiência profissional e teve a oportunidade de conhecer grandes nomes como Wagner e Liszt. Após essa turnê, voltou ao conservatório francês com o objetivo de estudar composições e concorrer ao Grande Prêmio de Música de Roma, considerado um dos mais importantes concursos europeus da época. A vitória veio em 1884, com a cantata *O Filho Pródigo*. Como prêmio, recebeu a cobiçada bolsa de estudos na capital italiana.

O reconhecimento de Debussy como compositor só aconteceu em 1902, com a estréia da ópera *Pélleas et Mélisande*, em Paris. No mesmo ano, escreveu sua mais famosa obra sinfônica, *La Mer*, que é a impressão musical da imagem e do som do oceano. Em homenagem à filha, compôs também a suíte *Children's corner* (1906-1908), para piano.

Os anos finais de sua vida foram em Paris, marcados pelo aparecimento de um câncer, que o levou à morte no dia 25 de março de 1918.

### Maurice Ravel

“A tradição é a personalidade dos imbecis”. Esta célebre frase retrata com fidelidade o perfil de Joseph-Maurice Ravel, que em seu tempo ganhou a fama de “revolucionário perigoso”. Na verdade, de perigoso Ravel não tinha nada. Era apenas um músico com extrema complexidade técnica, que conseguia criar sons orquestrais ecléticos como ninguém, o que evidenciava sua condição de fã assumido do compositor Claude Debussy.

Filho do engenheiro suíço Pierre Joseph Ravel e da fidalga francesa Marie Delouart Ravel, Joseph-Maurice Ravel nasceu na cidade de Ciboure, nos baixos Pirineus, em 7 de março de 1875. Começou a receber as primeiras aulas de piano aos sete anos, junto com o irmão Edouard, três anos mais novo. O interesse pela música chamou a atenção dos pais que, em 1889, o matricularam no tradicional Conservatório de Paris.

Compunha peças que exigiam enorme empenho do intérprete, como é o do famoso Concerto de piano para mão esquerda, especialmente criado para o músico Paul Wittgenstein, que perdera o braço direito durante a guerra.

Infelizmente, fortes abalos emocionais, como a morte da mãe em 1917 e algumas decepções amorosas, foram minando suas forças. Mesmo assim persistia, e em 1928, a pedido da bailarina Ida Rubinstein, compôs sua mais aclamada obra, *Bolero*.

Os amigos mais chegados, preocupados com a sua falta de ânimo, organizaram várias viagens, inclusive até Marrocos, a fim de distraí-lo. Mas um acidente de automóvel, em 1932, deixaria sequelas irreversíveis. Faleceu no dia 28 de dezembro do mesmo ano, no pico do inverno francês. Com ele, morria o último grande mestre clássico da música europeia.

*Tarantelle Styrienne* foi escrita em 1890 após Debussy voltar de Villa Medici, Itália, por onde passou mais de dois anos estudando, como parte



das exigências do importante prêmio francês, Prix de Rome que recebeu em 1884.

A *Tarantelle styrienne* é uma obra híbrida, na qual Debussy joga com dois gêneros de dança: a típica tarantela italiana e a valsa vienense. Faz os apoios da música oscilarem entre os compassos binário composto, característico da tarantela, e ternário simples, próprio da valsa. Assim, escuta-se uma dança singular que se desloca entre a Itália e a Styria, região da Áustria marcada pela cultura eslava.

Em 1903 a obra foi republicada como *Danse*. A peça antecipa as translúcidas e leves harmonias recorrentes em Debussy, e sua seção central sugere as *fêtes galantes* do pintor Watteau, charmosas cenas banhadas na teatralidade da *commedia dell'arte*.



## Maurice Ravel:

### Concerto em Sol Maior para piano e orquestra

Entre 1929 e 1931, Ravel compôs seus dois concertos para piano e orquestra: o concerto em Ré maior para mão esquerda e o concerto em Sol Maior.

O concerto em Sol Maior para piano e orquestra foi composto no mesmo espírito em que Mozart e Saint-Saëns escreveram seus concertos, de caráter ligeiro e brilhante como um “Divertimento”. Este concerto contém melodias inspiradas no Jazz, recordando as viagens do compositor aos Estados Unidos e

A mesma Exposition Universelle que despertou o cosmopolitismo de Debussy suscitou, em Maurice Ravel, aos 14 anos, a predileção pela orquestração. Ravel – que viria a tornar-se o maior orquestrador francês – deslumbrara-se ao ouvir as obras russas regidas por Rimsky-Korsakov, compositor e orquestrador excepcional.

Arguto e sofisticado, Ravel extrai da orquestra criativas combinações de timbres, libertando os instrumentos de seus usos ordinários. Em 1922, Ravel orquestra *Danse*, em homenagem a Debussy, como um ato de homenagem após a morte do compositor.

Texto: Daniel Reuse – Violinista da OSUCS

estas melodias estão presentes no primeiro e no terceiro movimento.

O primeiro movimento “Allegrement”, começa com uma chicotada seguida de uma orquestra pequena, mas com caráter junto com arpejos do piano e pouco a pouco o solista introduz uma lenta e jazzística melodia, provavelmente pensada para seduzir o público americano na sua primeira turnê pelos Estados Unidos. Este movimento é uma peça fluída e vivaz que nos aproxima da música espanhola em que Ravel sempre esteve envolvido.

O segundo movimento “Adagio assai”, entra no impressionismo. Possui cadências para o solista que são consideradas entre as mais difíceis do seu repertório. O corne inglês tem o papel de solista e o piano assume um papel secundário com fluídas linhas em fusas. Este movimento lento é extraordinário, e lembra a profundidade e quietude das *Gymnopedies* de Satie, começando o piano com uma valsa lenta e desconcertante pelos ritmos cruzados entre acompanhamento e melodias.

O terceiro e último movimento “Presto”, é uma peça virtuosística e incrivelmente rápida que emprega muitas melodias intercaladas e outras mais poderosas que fazem desta passagem uma experiência arriscada para o piano e para a orquestra. Neste momento volta a introduzir temas de jazz e inclusive mais chicotadas que reforçam a unidade do primeiro movimento e

termina com um tremendo golpe de tímpano.

Em geral, o concerto é uma obra impressionista e impactante, uma das melhores de Ravel onde o piano é explorado em toda sua riqueza técnica, sonora e de efeitos.

Com exceção do segundo movimento, a obra possui muita energia e é cheia de detalhes, características do compositor, contribuindo para

o “pensamento do Jazz” de Ravel. Não é tanto pelo aspecto da improvisação, mas sim pelos detalhes irregulares que fazem com que soe como uma “big band” norte americana.

*Texto: Miguel Lecueder Canabarro – Piano Solista*

*Tradução: André Meneghello – Spalla e*

*Coordenador das Cordas Agudas da OSUCS*



## **Camille Saint-Saëns:** **Sinfonia em Lá Maior**

Compositor, pianista e organista francês, Saint-Saëns apresentou uma precocidade comparável a de Mozart tanto como pianista quanto como compositor. Ele se apresentava para pequenas plateias desde os 5 anos de idade, mas foi com 10 que foi apresentado ao grande público ao executar de memória um Concerto de Mozart e outro de Beethoven na famosa Sala Pleyel em Paris. Em 1848, aos 13 anos de idade, Camille foi aceito no Conservatório de Paris, a mais importante academia de música da França. Em 1851, ganhou o prêmio máximo do Conservatório como organista e começou seu estudo formal de composição. Foi neste período de estudante, com apenas 15 anos de idade, que compôs a Sinfonia em Lá Maior.

Nesta obra, são claras as influências de Mozart, Mendelssohn e Beethoven, e ela poderia ter

sido tranquilamente publicada como Op.1, pela sua qualidade. A sinfonia foi escrita para uma orquestra clássica padrão e é composta por quatro movimentos, seguindo uma estrutura herdada do século XVIII: I *Poco Adagio - Allegro Vivace*, II *Andantino*, III *Scherzo vivace*, IV *Finale: Allegro molto - Presto*.

O que podemos perceber ao escutar a Sinfonia em Lá Maior é a habilidade do jovem Saint-Saëns de conciliar a efusão de sentimentos do romantismo com o domínio das estruturas do período clássico, dando livre curso à sua imaginação. A homenagem a Mozart é bastante evidente no primeiro movimento, após a introdução lenta, que funciona como uma cortina, seguido do *Allegro Vivace* onde aparece um motivo da Sinfonia Júpiter de Mozart. O segundo movimento, bastante influenciado pela tradição germânica, apresenta um acentuado lirismo que evidencia o interesse do compositor pelo universo da canção. Os dois movimentos que seguem, demonstram a mesma incrível capacidade de oferecer uma síntese coerente entre os modelos alemães e o espírito francês. O *Scherzo* remete ao estilo de Mendelssohn aliado a um vigor rústico enquanto no *Finale* aparece um caráter explosivo, Beethoveniano, e elegante ao mesmo tempo.

A Sinfonia em Lá Maior é uma perfeita ilustração da preocupação do jovem compositor com a perfeição formal e, além das suas grandes qualidades musicais, contribuiu significativamente para a criação do estilo sinfônico francês.

*Texto: André Meneghello – Spalla e Coordenador das Cordas Agudas da OSUCS*



Solista:

### **Miguel Lecueder Canabarro – Piano**

Personagem ilustre da cidade de Artigas, Diretor do Conservatório Departamental de Música da Intendência desta cidade, professor da cátedra de piano da Escola Universitária de Música, Regional Norte, formado em piano pela Universidade do Uruguai, tem viajado pelo mundo em companhia da música clássica. Contemplado pelo governo espanhol com uma bolsa de estudos, permaneceu 20 anos na Europa, realizando pós-graduação no Real Conservatório Superior de Música de Madrid, concluindo o curso com as mais altas distinções. Paralelamente, continuou aperfeiçoando-se em Paris, Bruxelas e Veneza.

Lecueder, com uma brilhante carreira internacional, apresentou-se nas mais prestigiosas salas de concerto do Uruguai, Brasil, Argentina, Paraguai, Chile, Peru, Costa Rica, Espanha, Itália, França, Inglaterra, Grécia, Rússia, Portugal, República Tcheca, Alemanha, Bélgica, Noruega, Estados Unidos. Tocou como solista ao lado de orquestras como: Orquestra Sinfónica del SO-DRE Uruguay, Orquestra de la Radio Televisión Argentina, Orquestra Sinfónica de Santa Maria (Brasil), Orquestra Sinfónica de Arequipa (Peru), Orquestra de Cordas de Viena (Áustria), Orquestras em Madrid (Espanha), Orquestra Sinfónica da Turquia, Orquestra Shinsey de Tóquio.

É ganhador dos primeiros prêmios nos seguintes concursos internacionais: Ibiza,

Espanha – concurso internacional de piano; Oviedo, Espanha – concurso Richard Wagner; Blumenau, Brasil – concurso “O Piano no Romantismo”; Vitória, Brasil – concurso Heitor Villa-Lobos; New Jersey, EUA – foi um dos dez selecionados entre duzentos pianistas de todo mundo para se apresentar na noite de gala do piano na prestigiosa sala Carnegie Hall de Nova York. Obteve distinções nos concursos internacionais de Arras, Paris e Sitges (Barcelona).

Tem sido convidado para participar todos os anos em festivais internacionais e como jurado de concursos na Europa e América do Sul. No Brasil, recebeu a medalha “Honra ao Mérito” por suas brilhantes atuações neste país. Nos últimos anos foi distinguido com o prêmio “Victoria”, o prêmio “Guyaan” e o “Virgen de los Treinta y Tres” (Padroeira do Uruguai), por ter sido eleito artista do ano.

Realizou uma turnê pela Espanha com os prelúdios de Debussy pela passagem dos 150 anos de nascimento do compositor, e também como solista com a Orquestra Sinfônica de Santa Maria por várias cidades da fronteira Brasil – Uruguai. Em 2013, viajou para Madrid e Milão como convidado para participar em Festivais Internacionais, ministrando várias masterclasses. Em Palma de Mallorca fundou, há 4 anos, o “Curso internacional de interpretação pianística Miguel Lecueder”, no qual participam pianistas de toda a Europa em busca de aperfeiçoamento. Este ano foi um dos dois artistas sul-americanos (e único uruguaio) selecionado para atuar no Grande Festival Internacional de Piano em Oslo, Noruega, juntamente com mais de 50 pianistas de todo o mundo.

*Texto: Miguel Lecueder Canabarro – Piano Solista  
Tradução: Alexandre Diel – Coordenador das Cordas Graves e Chefe de Naípe dos Violoncelos da UCS*



## Maestro convidado: **Helder Trefzger**

Atual diretor artístico e maestro titular da Orquestra Sinfônica do Estado do Espírito Santo, o maestro HELDER TREFZGER estudou em algumas das principais universidades brasileiras, como a UFRJ, a UFMG e a UnB e teve aulas complementares com professores de renomadas instituições de ensino musical, como o Conservatório de Moscou, a Manhattan School of Music, e a Arts Academy - Istituzione Sinfonica di Roma. É Mestre em Música (Regência - Práticas Interpretativas) e Bacharel em Música - Regência.

Teve como principais professores o maestro e compositor Cláudio Santoro, além dos maestros David Machado, de quem foi assistente e Roberto Duarte. Outros professores importantes na sua formação musical foram: Gerald Kegelmann, Igor Bezrodny, Francesco La Vecchia, Ivan Kojuharov, Oleh Krysa, Ernani Aguiar, Emilio de Cesar, Oiliam Lanna, Alberto Jaffé e Edson Queiroz de Andrade.

Já dirigiu, como maestro convidado, algumas das principais orquestras brasileiras, como a Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e as orquestras sinfônicas de Porto Alegre, Minas Gerais, Campinas, Sergipe, Mato Grosso, Brasília, Bahia e Paraíba, além da Orquestra Sinfônica da UFRJ e da Orquestra Filarmônica Nova (MG), dentre outras. Dirigiu ainda a Orquestra Artave (Portugal), a Sinfônica de Monterrey (México), a Philharmonia Kalisca, Czestochowa Philharmonia e Filharmonia Opolska (Polônia), a Sinfônica da Universidade de La Serena (Chile), a Sinfônica Nacional da Bolívia, a Sinfônica Nacional do Paraguai, a New World Young Orchestra (Brasil, Itália e Bulgária) e a Orquestra Sinfônica de Bourgas (Bulgária). Em Portugal realizou um concerto com a Orquestra Filarmonia de Gaia, na cidade do Porto e, na Itália, dirigiu apresentações à frente da Orchestra Sinfonica di Roma, no Auditório della Conciliazione (Vaticano).

Gravou a trilha sonora do filme *Lamarca*, de Sérgio Rezende, música de David Tygel e o CD “Melodiário”, com músicas do compositor Jaceguay Lins.

Recebeu o Título de Cidadão Vitoriense, outorgado pela Câmara Municipal de Vitória em 2001 e o Título de Cidadão Espírito-Santense, concedido pela Assembléia Legislativa em 2004, que lhe concedeu também a sua mais alta distinção, a Comenda Domingos Martins.

É membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e da Academia de Letras e Música do Brasil - ALMUB, onde ocupa a cadeira de número 10, com a patronímica de Carlos Gomes.

# AGOSTO

## QUINTA SINFÔNICA

**11 de agosto – quinta-feira – 20h30min**  
**UCS Teatro – Caxias do Sul - RS**

**Carl Maria von Weber:**

**Abertura da ópera “Der Freischutz” (O Franco-Atirador) J. 277**

- *Adagio – Molto vivace*

**Sergei Prokofiev:**

**Concerto para piano e orquestra Nº 3 em Dó Maior**

- *Andante – Allegro*
- *Tema con variazioni*
- *Allegro, ma non troppo*

Solista: **Guigla Katsarava** – Piano

**Alberto Nepomuceno:**

**Sinfonia em Sol menor**

- *Allegro (com entusiasmo)*
- *Andante Quasi Adagio*
  - *Presto*
- *Con Fuocco*

Maestro: **Manfredo Schmiedt**



**Carl Maria von Weber:**  
**Abertura da ópera “Der Freischutz”**  
**(O Franco-Atirador) J. 277**

Carl Maria von Weber (Eutin, 18 de novembro de 1786 – Londres, 5 de junho de 1826) foi um barão e compositor de Holstein (hoje parte da Alemanha). Conhecido pelo seu sobrenome, Weber, foi um dos primeiros compositores significantes da Era Romântica.

Interessado em novas sonoridades e combinações instrumentais, tornou-se um dos maiores compositores do Ocidente. Na transição do Classicismo para o Romantismo, sua obra introduziu a nova estética na Alemanha.

Apesar de Weber ter também escrito muitas outras obras, ele é hoje quase exclusivamente conhecido pelas suas três óperas: O Franco Atirador, Euryanthe e Oberon. Delas, é a primeira a mais célebre, sendo a respectiva abertura frequentemente tocada nas salas de concerto. Na verdade, O Franco Atirador foi um retumbante sucesso desde a sua estreia, em Berlim, em 18 de junho de 1821 fazendo com que nome de Weber fosse imediatamente lançado para a fama, tornando-se uma celebridade nacional de primeira ordem. Richard Wagner reconheceria mais tarde a importância de Weber como marco fundamental para a ópera alemã, inclusive fazendo-lhe um elogio fúnebre.

O libreto da ópera – redigido por Friedrich Kind – é adaptado do romance homônimo de Johann August Apel, e tem uma narrativa simples. A história trata de um camponês chamado Max, que está apaixonado por Agathe, cujo pai prometeu a mão da filha ao melhor caçador da região. Influenciado pelo seu amigo Kaspar, Max dirigiu-se à floresta para tentar obter umas balas mágicas que o auxiliassem na prova de tiro que determinará o melhor caçador. Aí acaba por se deparar com forças demoníacas. Na verdade, sem que Max suspeite, Kaspar, sob influência do diabo, tenta assegurar que as balas atinjam Agathe em vez da caça (o que depois acaba por não acontecer). A obra põe, assim, dois mundos antagônicos em oposição: o do bem e o do mal. Essa oposição dramática reflete-se claramente na música. Assim, começa com uma introdução lenta, que tem três pequenas partes: uma primeira muito misteriosa; depois, um tema rústico e simples nas trompas, de conotações campestres e associações à caça; e, por último, um momento subitamente escuro e sinistro. Depois disso, começa a parte rápida (que é a parte principal do andamento), onde dois temas principais se apresentam: um primeiro furioso e ameaçador, protagonizado por uma melodia no registo grave dos clarinetes; e um tema mais lírico e apaixonado, representando o amor de Max por Agathe. Ao final da obra, os dois temas voltam a aparecer, mas o segundo é transfigurado, adquirindo um carácter triunfal: é a vitória das forças do bem sobre as do mal.

*Texto: Jonathas Castro – Trompista da OSUCS*



## Sergei Prokofiev:

### Concerto para piano e orquestra Nº 3 em Dó Maior, Op. 26

O concerto No. 3 em Dó Maior Op. 26 de Prokofiev foi concluído no outono do ano de 1921, quando o compositor residia na França. Contudo, a maior parte deste concerto foi composta ainda na Rússia, em 1913, quando foram feitas anotações do tema para as variações do segundo movimento. Em 1916 e 1917, os primeiros dois temas do primeiro movimento (introdução e tema principal) e duas variações do segundo, e em 1918, os dois temas finais.

Este terceiro concerto de Prokofiev claramente se difere do primeiro e do segundo concerto, já que as relações entre a parte solista e a parte orquestral aqui são mais equilibradas, combinando magistralmente agilidade e interpretação lírica, poesia e sarcasmo, cantilenas e tocatas. *“O genial Prokofiev alcançou em seu estupendo desenvolvimento a combinação de entusiasmo com um toque de temperamento juvenil, um tom desafiador de uma rusga ferosa com uma avançada maturidade viril e sabedoria”*, escreveu Boris Asafiev, compositor e crítico musical soviético.

Alegria, luz e satisfação pela vida são características que prevalecem ao início deste terceiro concerto e, sua consagração é, no final das contas, dada pelo produto de todo esse material diferenciado. Embora, no seu terceiro concerto, Prokofiev não faça uso de citações de temas folclóricos, este concerto tem certas características de música nativa russa.

O concerto inicia com uma lírica introdução (*dolce*) de um solo de clarinete. Lembra um tocar cândido de uma flauta pastoril. Gradualmente a melodia cresce em grande sintonia, modifica rapidamente a variedade de melodias nas cordas, e em seguida surge um tema enérgico na parte principal do piano. Esse tema caracteriza-se por ritmos marcados e acentuações. É interessante notar que há algo comum na entonação inicial de ambos os temas, mas com o caráter totalmente diferente. Em geral, na entonação de todo concerto, a relação entre temas é muito forte. A segunda parte introduz o ouvinte a uma nova atmosfera e o motivo desse tema secundário é muito parecido com o que ocorre no primeiro e no segundo concerto para piano e no ciclo *“Mimalyostnosti”* (ciclo de 12 peças curtas para piano solo compostas por Prokofiev).

*“O segundo tema do primeiro movimento do concerto n.3 para piano de Prokofiev é um desenho exagerado dos movimentos instáveis de uma pessoa embriagada, lembrando cenas típicas de Mussorgsky”*, escreveu um dos primeiros intérpretes desse concerto Samuil Feinberg, pianista e compositor russo.

Brevemente desenvolvido, o tema inicial aqui é percebido como um apogeu poético e lírico. Já a reprise, é bastante desenvolvida e há o uso nela da primeira e da segunda parte. Uma mudança particularmente significativa acontece na segunda parte, no qual seus elementos são intensivamente desenvolvidos, ficando o ritmo deslocado e sonoridade mordaz. Antes do término, ocorre uma suspensão, mas a rápida conclusão reafirma o aspecto jovial desse movimento.

O segundo movimento do concerto é construído na forma de tema e seis variações e um grande *finale*. O tema é elegante, mas ao mesmo tempo é uma *gavotte* deslocada, com reverências cerimoniais tendo algo em comum com a *gavotte* do Ballet Cinderela, também de Prokofiev. No cerne da construção das variações podemos notar a livre interpretação do tema. A primeira variação soa suave e melodiosa com os contornos do tema nessa primeira variação totalmente preservados. A segunda variação altera drasticamente o caráter do tema, dando-lhe características de uma caricatura. Uma tempestuosa passagem do piano e estridentes e afiadas vozes de trompete estabelecem um diálogo. Essa interpretação penetrante



do piano solista lembra o concerto n. 1. Na terceira variação o tema modificado ocorre na orquestra e esta variação é caracterizada pela construção rítmica complexa. A quarta variação é como um conto de fadas, onde a natureza e as pessoas parecem estar imersas em um sonho mágico. A variação termina lentamente, em uma progressão de terças que deslizam, onde o compositor utilizou o termo de expressão “freddo” – frio, tudo pára. Lembro-me do Andante, a segunda sonata de “Mimalyostnosti” e suas raízes na música de Rimsky-Korsakov. A quinta variação inicia sem uma conexão direta com o tema, mas o desenvolvimento contínuo do material musical leva a um ápice e aqui, o tema é claramente aproveitado. Ao final, desse segundo movimento a orquestra conduz ao tema principal em um ritmo intenso, sob um leve e gracioso acompanhamento de acordes agudos de piano.

O terceiro movimento é dançante, energético e furioso. Embora a música seja escrita em *tercinas*, podemos percebê-la como uma marcha, com uma incrível riqueza de ritmos e acentuações, como se piano e orquestra interrompessem um ao outro. O tema principal do *finale* tem staccato nos fagotes e pizzicato nas cordas, parecido com o motivo da introdução e o tema principal do primeiro movimento, mas prevalecendo uma base rítmica.

No *meno mosso* inicia a parte central da seção final. Tudo canta sobre o florescimento da vida e da alegria interior. Repentinamente surge um tema “cômico”, esse cheio de caprichos e então, o tema lírico retorna com um padrão ornamentado do piano e surpreendentemente faz uma linda modulação pra uma nova tonalidade. O ponto culminante dessa seção é uma paisagem grandiosa, tudo está banhado de sol, tudo está em festa! Este mundo brilhante de Prokofiev mostra toda a criatividade que o compositor usou também para as sinfonias 5 e 7, a sonata para violoncelo e as nove sonatas para piano.

O término da seção final é construído sobre um tema de dança apresentando virtuosismo e criatividade extraordinárias. Nesse concerto, em geral, foram feitas muitas descobertas inovadoras e originais para uma apresentação pianística, e a “coreografia” das mãos do pianista demonstra claramente isto. Aqui, o tema segue em *stretto* que cria um aumento na energia. Ao término de toda essa “bagunça” sonora, há uma afirmação triunfal da tonalidade principal: a música desse terceiro concerto de Prokofiev soa como um hino a iluminação. Para citar K. Balmont (Konstantin Balmont, poeta simbolista e tradutor russo): “Prokofiev!! Música e juventude em seu auge!!”

Texto: Guigla Katsarava – Piano Solista  
Tradução: Helena Oliveira Nunes – Violinista da  
OSUCS







## **Alberto Nepomuceno:** **Sinfonia em Sol menor**

Alberto Nepomuceno nasceu em Fortaleza, em 6 de julho de 1864, e faleceu no Rio de Janeiro, em 16 de outubro de 1920. Seu pai, Vitor Augusto Nepomuceno, que era organista da Catedral de Fortaleza, foi quem lhe proporcionou as primeiras orientações musicais, ensinando-lhe solfejo e piano. Em 1872, a família mudou-se para Recife onde Alberto estudou piano e violino. Também em Recife, frequentou e concluiu o curso de Humanidades e entrou em contato com estudante e professores da Faculdade de direito do Recife, dentre eles, Clóvis Beviláqua e Farias Brito. Mas foi Tobias Barreto que despertou em Nepomuceno o interesse pela língua alemã e pela filosofia. Nesse período, foi influenciado pelo ambiente intelectual da faculdade passando, então, a defender as causas abolicionistas.

Durante sua juventude, Nepomuceno pleiteou, sem êxito, auxílio de seu Estado para dar prosseguimento aos seus estudos na Europa. Mas foi por meio do mecenato do escultor Rodolfo Bernardelli que o compositor, em 1888, viajou para o Velho Mundo e lá permanecendo por sete anos. Sua primeira estada foi em Roma, em seguida, Berlin, e depois, Paris. Em 1893, seguiu para Noruega onde hospedou-se na casa de Edward Grieg, considerado um dos expoentes da música nacionalista, cujos conselhos revitalizavam seu interesse pela formação de um patrimônio musical brasileiro. Retornando à Alemanha em 1894, regeu a

Orquestra Filarmônica de Berlin em duas de suas obras: o *Scherzo*, para orquestra, e a *Suíte Antiga*, obra composta para orquestra de cordas.

A *Sinfonia em Sol Menor* de Nepomuceno teve sua primeira audição no Brasil no dia 1º de agosto de 1897. Possui um caráter vigoroso, lírico e dramático, característico do movimento romântico com forte influência de Brahms, Wagner e Tchaikovsky, mas sem deixar de ser uma obra portadora de grande originalidade. Essa sinfonia, que é contemporânea à *Sinfonia do Novo Mundo* de Dvorak, foi considerada por críticos como uma das mais importantes obras compostas em solo americano. Edino Krieger afirmou que “não seria exagero incluir a Sinfonia em sol menor, de Nepomuceno, entre as obras primas do sinfonismo romântico. É realmente uma obra de admirável feitura artesanal, dotada de elementos de grande beleza temática, desde o privilegiado tema inicial, impregnado daquela tensão brahmsiana, feita de respirações ondulares, até o enérgico final, onde se adivinham prenúncios de batuque no motivo pontuado característico tão aparentado, ritmicamente, ao *Balaio* utilizado por Alexandre Levy em sua *Suíte*”. A *Sinfonia em sol menor* de Nepomuceno é considerada a mais importante obra sinfônica do compositor sendo a primeira composição do gênero no Brasil. Seu estilo aproxima-se mais da escola formalista romântica do que a dos nacionalistas modernistas. Nepomuceno sempre teve uma grande preocupação pela valorização da cultura brasileira, sendo considerado um dos principais compositores nacionalistas.

*Texto: Carlos Zinani – Chefe de Naípe das Violas da OSUCS*



### Solista: **Guigla Katsarava** – Piano

Nascido em Tbilissi, o franco-georgiano pianista Guigla Katsarava concluiu seus estudos musicais com distinção notável, completando o currículo pleno obtendo os mais altos graus do Conservatório Tchaikovsky, em Moscou, bem como no “Franz Liszt Hochschule” de Weimar e, finalmente, uma pós-Graduação no “Conservatoire National Supérieur de Musique et de Danse” em Paris.

Guigla Katsarava está em consonância com a grande tradição da escola russa de piano, embora tendo uma personalidade musical única. O lendário Lazar Berman descreveu suas interpretações como sendo “sempre impregnada com uma verdadeira compreensão de estilo”, dando-lhes “um toque pessoal artístico”.

Atua em recitais, música de câmara e com orquestras em diversos países de toda a Europa, bem como em territórios ex-URSS, EUA, Brasil, Japão, Vietnã, Israel além do Oriente Médio.

Entre as salas de concerto onde Katsarava já tocou, estão: o “Residenz” em Munique, o Teatro de Essen, a Ópera de Weimar, o “Deutsche Bank Atrium” em Berlim, o Centro de Música de Jerusalém, o “Minsk Philharmonie”, o “Tbilissi Conservatory”, o “Art Center” de Tóquio, o “Mirato Mirai Hall” em Yokohama, o “National Opera House em Hanoi, o “Kobe Big

Auditorium”, em Paris no Cité de la Musique, Salle Cortot e em Barcelona no La Pedrera, entre outros.

Foi convidado para tocar em um grande número de festivais como o “Radio-France Montpellier,” “Piano à Riom,” “Piano Pic,” “Saint-Omer en Musique,” “Flâneries Musicales” em Reims, “Rencontres Musicales de l’Abbaye de la Prée”, “Les Nuits du Piano d’Ebralunga” (França), “Piano a Saint-Ursanne” (Suíça) “Carmel Festival” (Israel), “Europejkie Spotkania Artystyczne” (Polônia), “Bonneville Chamber Music Festival” (EUA), Festival Internacional Música no Pampa - F.I.M.P., Festival Música nas Montanhas (Brasil), entre outros.

Um pedagogo reconhecido e muito requisitado, Guigla Katsarava é professor titular na “Ecole Normale de Musique de Paris Alfred Cortot” e ensina também em várias masterclasses na França e no exterior (Japão, Espanha, Brasil). No verão de 2014 foi convidado para dar aula e concerto integralmente sobre a obra de Scriabin na “Tokyo Senzoky University”.

Além do seu trabalho como pedagogo, tem participado em diversas gravações tanto para diversas estações de rádio bem como para a televisão. Dentre os programas que participou estão: Na França: France-Musique, Radio Classique Alsace, RCF, na Suíça: “TV Suisse Romande”, em Israel: A Voz da Música, na Macedônia - TV Nacional, na Sérvia: Serbia- TV Nacional e no Vietnã: a TV Nacional.

Sua discografia: Recital. Prokofiev, Rachmaninov, Scriabin. - Numerisson; Recital. Liszt, Chopin, Brahms, Mendelssohn-Bartholdy. - Numerisson; Claude Pascal. Chamber music / XXè Siècle. Guigla Katsarava (piano) - Gerard Poulet (violino). Integral Distribution. (Recebeu 4 estrelas pela revista “Le Monde de la Musique”); A. Scriabin, K. Szymanowski, K. Zaborov. Guigla Katsarava (piano). Polymnie, Integral Distribution; C. Debussy, E. Chausson. Guigla Katsarava (piano) - Carmelo de los Santos (violino) Iso Mike, Gravação ao vivo nos Estados Unidos.

# SETEMBRO

## QUINTA SINFÔNICA

8 de setembro – quinta-feira – 20h30min  
UCS Teatro – Caxias do Sul - RS

**Heitor Villa-Lobos:**

### **Abertura “L’Homme Tel” da Suíte Sugestiva**

- *Um peu modere – Moins – Piu mosso – Animé – Très peu animé – Très animé – Plus vité*

**Lowell Liebermann:**

### **Concerto para flauta e orquestra, Op. 39**

- *Moderato*
- *Molto adagio*
- *Presto*

Solista: **Michel Bellavance** – Flauta

– INTERVALO –

**Juan Crisóstomo Arriaga:**

### **Sinfonia em Ré Maior**

- *Allegro con brio*
- *Andante*
- *Scherzo*
- *Finale*

Maestro: **Manfredo Schmiedt**



## Heitor Villa-Lobos: **Abertura “L’Homme Tel” da Suíte Sugestiva**

Compositor brasileiro nascido no Rio de Janeiro (RJ), é um dos mais importantes músicos de sua época em todo o mundo. Criador das nove Bachianas brasileiras, série em que demonstrou a semelhança de modulações e contracantos do folclore musical brasileiro com a música de Bach, é considerado, ainda em vida, o maior compositor das Américas.

Precoce, teve suas primeiras lições de música, com violoncelo, com seu pai, Raul Villa-Lobos. No início da adolescência já tocava violão, clarinete e violoncelo com virtuosismo. Seu contato com músicos populares de seu tempo e com a música tradicional marcou fundamente sua formação e influenciou diretamente sua música. Ampliou seu contato com a música popular ao conhecer Ernesto Nazaré e, em busca das raízes folclóricas, iniciou uma peregrinação pelo Brasil (1905).

Esteve no Nordeste, no Sul, no Centro-Oeste e na Amazônia, de volta ao Rio deu início a sua produção (1913), já abordando os mais diversos gêneros. Destacou-se por ser o único compositor brasileiro a participar diretamente da Semana de Arte Moderna (1922), em São Paulo, apresentando ali obras de sua primeira fase, ainda fortemente ligadas ao impressionismo francês.

Suas obras mais modernas situam-se, sobretudo, a partir da década de 20, com a admirável série dos Choros. No ano seguinte foi a Paris, onde enfim foi consagrado e quando decidiu voltar para o Brasil, já era famoso em toda a Europa. Criou a Superintendência de Educação Musical e Artística da Prefeitura do Distrito Federal (1931) e, pouco mais tarde, o Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, destinado à formação de professores para as escolas de primeiro e segundo graus. Seu esforço educacional, empreendido por meio do canto, culminou com a oficialização do ensino de música nas escolas. Fundou, em 1945, a Academia Brasileira de Música (ABM).

Compôs cerca de mil obras e sua importância reside, entre outros aspectos, no fato de ter reformulado o conceito de nacionalismo musical, tornando-se seu maior expoente. Foi, também, através dele que a música brasileira se fez representar em outros países. Sua vasta obra incluiu concertos, sinfonias, operas, bailados, suítes sinfônicas e peças isoladas, as Bachianas e os choros. As Bachianas se tornaram, no mundo inteiro, suas obras mais conhecidas.

A “Ouverture de L’Homme Tel”, excerto da Suíte Sugestiva, de 1929, para Orquestra teve sua primeira audição 25 de junho de 1952. Nesta obra encontramos uma estrutura muito semelhante apresentada por Rossini, na Abertura Guilherme Tel, com uma introdução lenta, um alegre agitado, um interlúdio pastoral, e um galope final, com exceção da harmonia que tem um carácter de forma geral mais sombrio, deixando assim um pouco difícil dizer se o compositor está brincando ou não. Outro ponto divergente é que, na Cavalaria, Rossini coloca o naipe de trompetes fazendo a clarinada, e Villa Lobos, na sua obra, apresenta praticamente a mesma célula rítmica usada por Rossini, mas executada pelo naipe das cordas com uma pequena variação melódica na reexposição do tema, deixando os trompetes com um contraponto musical.

*Texto: Jordelei dos Santos – Primeiro Trompete da  
OSUCS*



**Lowell Liebermann:**

### **Concerto para flauta e orquestra, Op. 39**

Este dramático e romântico concerto para flauta é um dos mais importantes escritos para o repertório do instrumento do século XX. Em 1994, a Sociedade Nacional de Flauta dos Estados Unidos nomeou o concerto de Liebermann Opus 39 como a melhor nova peça de flauta escrita.

Liebermann é um dos mais prolíficos compositores para flauta, tendo escrito três concertos para o instrumento (incluindo um concerto para flautim e orquestra e um concerto para flauta e harpa) e duas sonatas (uma para acompanhamento de piano e outra para acompanhamento de violão), e ainda uma peça para flauta solo.

Duas outras peças para flauta de Liebermann também receberam o prêmio de “melhor novo trabalho”, da Sociedade Nacional de Flauta.

O flautista virtuoso, internacionalmente conhecido James Galway, encomendou o concerto

Op. 39 de Liebermann, e realizou a estreia mundial com a Orquestra de Sant Louis, em novembro de 1992.

O concerto é em três movimentos. Este é um número usual de movimentos para um concerto. Apesar disto, os movimentos não estão escritos na tradicional forma sonata.

O primeiro movimento começa com um tempo moderado. O início e o fim de cada parte desse movimento são devotados a um único tema lírico e extremamente charmoso. A textura da música remete ao som do período tardio das obras de Sergei Prokofiev, como *Romeo e Julieta*. Há um lento ostinato cordal de duas notas no registro médio e sobre ele uma fluida melodia que, por vezes, segue rumos harmônicos e tonais inesperados.

A parte do meio do primeiro movimento é um arco que contém cinco variações da progressão harmônica do tema principal. Essas variações permitem ao solista tocar no registro mais brilhante da flauta e sua forma é a variação da “*Chacona*”.

O segundo movimento, *Molto Adagio*, é um belíssimo e estendido momento lírico. Liebermann criou um efeito hipnótico com um pulsar “fora do tempo” no acompanhamento que segue através de todo movimento, cujo caráter é romântico e delicado.

O movimento final é uma forma geralmente encontrada em finais de concerto: forma rondo. “*Presto*” é a indicação de andamento do último movimento, o que exige do solista extrema virtuosidade e resistência.

*Texto: Fabiane Oliveira - Primeira Flauta da OSUCS*





## Juan Crisóstomo de Arriaga: Sinfonia em Ré Maior

Compositor espanhol-basco, oriundo de Bilbao. Desde cedo, Arriaga demonstrou grande talento para a música, tendo escrito sua primeira obra “*Nada y mucho*”, um trio de violinos, aos 11 anos. Teve sua primeira ópera “*Los esclavos felices*” escrita e produzida ainda em sua cidade natal, aos 13 anos. Desta Ópera até os dias de hoje, restaram apenas fragmentos.

Teve suas primeiras lições musicais com seu pai e o seu irmão mais velho. Ingressou no Conservatório de Paris aos 15 anos, onde estudou violino com Pierre Baillot, e contraponto e harmonia com François Fétiis. Devido ao seu talento, logo se tornou assistente de Fétiis, e, em tão pouco tempo, suas obras incluíam três quartetos de cordas, música sacra, música instrumental de câmara, e sua única Sinfonia em ré maior.

Arriaga foi acometido de problemas pulmonares, de forma súbita, e sem ao menos completar 20 anos, teve seu trajeto de vida e musical interrompidos. Suas únicas obras que foram publicadas em vida são os quartetos de cordas, que dentre o seu trabalho, são as mais executadas e conhecidas.

Seu estilo composicional, segundo os historiadores, compreende elementos do Classicismo de Mozart e do Romantismo de

Schubert, porém, não existem claros vestígios da música basca presentes.

Segundo o Dicionário de Música *New Grove Concise*, a música de Arriaga é “elegante, bem-acabada, e dotada de profundidade harmônica”. Escrita no ano de 1824, a Sinfonia em Ré Maior, ou *Symphonie à grande orchestre*, é dotada de quatro movimentos. Nominalmente, atribui-se a tonalidade de ré maior para a obra, porém, Arriaga utiliza ré menor em similar proporção.

O primeiro movimento de sua sinfonia, *Adagio – Allegro Vivace*, inicia com uma introdução lenta na tonalidade paralela de ré maior, e na exposição, segundo o autor Frank Lehman, segue com “dissonantes trovões e palpitações nervosas das cordas”. Pode-se perceber consistência motívica, no qual elementos do primeiro tema e da transição, são usados no segundo tema, em fá maior.

O segundo movimento, *Andante*, é composto de dois materiais melódicos que são combinados dentro da estrutura de forma sonata. No segundo deles, Lehman sugere que a sua melodia lírica possa ser facilmente remetida a Mozart.

O terceiro movimento, *Minuetto e Trio*, é dotado de escrita alternada entre seções de *tutti* e de *concertino*, e pode-se perceber o uso de síncopas e economia de materiais melódicos, efeitos composicionais usados no Classicismo, de Haydn, por exemplo.

No quarto movimento, *Allegro con moto*, o compositor retorna ao caráter de personalidade do início da obra. Lehman sugere que o “latejante acompanhamento e o tema são fortes reminiscências da Sinfonia 40 de Mozart”. No curto desenvolvimento, percebe-se o uso de uma pequena fuga, algo que foi uma marca de Beethoven, e que Fétiis, seu professor, também admirava. Arriaga utilizou uma seção transicional cromática até chegar na tônica ré maior.

Texto: Dainer Schmidt – Flautista e  
Flautinista da OSUCS



### Solista: **Michel Bellavance** – Flauta

Internacionalmente aclamado, o flautista suíço-canadense Michel Bellavance é altamente requisitado por todo o mundo. Professor de flauta da classe de estudos avançados no renomado conservatório de Genebra na Suíça e é extremamente atuante em praticamente todos os continentes. Bellavance tem uma agenda de viagem sempre cheia com convites para ser atração principal como convidado em festivais, solar com orquestras, ministrar workshops e máster-classes em conservatórios e universidades.

Michel já atuou na Europa junto a Orquestra da Fundação Gulbekian de Lisboa, Orquestra de Câmara de Genebra, Orquestra Acadêmica da Camerata de Paris e na América Latina com a Orquestra Sinfônica Nacional do Perú, Orquestra Provincial de Bahia Blanca, Orquestra Provincial de San Ruan, Orquestra Filarmônica de Mendoza, Orquestra Sinfônica da Bahia, Orquestra Sinfônica de Maracaibo, Grupo de Câmara Ad Hoc, executando concertos como: Nielsen, Ibert, Reinecke, Bernstein, Kabalevski, Liebermann, Mozart, Bach, Hue e Vivaldi.

Realizou recitais em: Praga, Barcelona, Genebra, Madri, Düsseldorf, Basel, Londres, Zurique, Paris, Hong-Kong, Tóquio, Lima, Quito, São Paulo, Salvador da Bahia, Brasília, Porto Alegre, Curitiba, Buenos Aires, Mendoza, Córdoba, San Juan, San Jose, Bogotá,

Menizales, Medellin, Montreal, Ottawa, Omaha, Washington DC, Nova York Carnegie Hall, Sydney, Auckland, Hamilton, Beijing, Shanghai. Realizou performances nos maiores festivais da Suíça, nos Estados Unidos da América na Convenção Anual de Flauta em Anaheim (2010), Peru, Brasil, Venezuela, Costa Rica, Santiago do Chile, Colômbia, Equador. Também participou de vários programas de rádio para CBC, rádio da Suisse Romande e a rádio nacional dos Estados Unidos.

Como professor atuante, Michel Bellavance tem lecionado na Inglaterra (Guildhall School, Royal College of Music, em Londres, Escola Internacional de Verão de Flauta Benslow), França (Conservatório Nacional e Regional de Lyon e Nancy), Suíça (Curso Internacional de Música Blonay), Itália (Escola Cívica de Cagliari), Espanha (Centro Cultural Kraus, Madri), Romênia (Escola Internacional de Flauta), Canadá (Conservatório de Montreal), Estados Unidos (Northern Iowa, Universidade de Western Illinois), Brasil (Universidade Federal de São Paulo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal de Minas Gerais, Encontro Internacional de flautistas em Tatuí, Curso de Verão de Brasília 2006-2007 e 2008, ABRAF Salvador Bahia, Uberlândia e São João Del Rey), Argentina (Conservatório Manuel de Falla em Buenos Aires, Conservatório Beethoven, Conservatório Provincial de Córdoba, Universidade Provincial de San Juan, Universidade Nacional de Cuyo em Mendoza), Perú (Festival Internacional de Flauta em Lima), Venezuela (Festival de Maracaibo e Academia do Novo Mundo, Curso Festival União das Artes Guama, Universidade Simón Bolívar em Caracas), Costa Rica (Festival Internacional de Flauta de San Jose), Chile (Universidade do Chile, Escola Moderna de Música), Equador (Conservatório Nacional de Quito), Colômbia (Universidade Nacional de Bogotá, Universidade Nacional de Manizales, Universidade de Antioquia de Medellin), China (Conservatório Central de Beijing, Conservatório de Shanghai,



Conservatório de Guangzhou, Conservatório da Academia de Artes Performáticas de Hong Kong), Austrália (Conservatório de Sydney), Nova Zelândia (Universidade de Auckland e Universidade de Hamilton).

Michel Bellavance tem a capacidade de englobar uma gama extraordinária do repertório para flauta nos mais diferentes estilos e sua discografia atesta o seu interesse tanto por peças tradicionais do repertório flautístico quanto por peças pouco divulgadas. Seus dois CD's produzidos pela *Brioso Recordings* receberam elogios da crítica especializada ao redor do mundo. Seu CD intitulado "Sergei, Béla e Bohuslav" tem peças de compositores da Europa central e oriental. Já "*Joueurs de Flûte*" contempla compositores franceses e Canadenses, incluindo Rachel Laurin e sua Sonata para flauta Op.29 que o próprio Michel comissionou e estreou. Bellavance realizou a gravação de estreia mundial do Nocturno, Op. 133 de Salomon Jadassohn's, que foi uma das peças escolhidas para o seu álbum "A Flauta Romântica", CD gravado pelo selo SNE do Canadá. Seu quarto CD publicado pela *Meridian Records*, gravadora de Londres, contém músicas francesas da primeira parte do século XX incluindo uma versão para flauta da Sonata para Violino Op.13 de Gabriel Fauré.

Michel Bellavance recebeu bolsas do Conselho de Artes do Canadá enquanto contemplava sua formação em Paris, Genebra, Zurique e San Francisco, tendo como mentores alguns dos maiores flautistas da história da música ocidental entre eles: Aurèle Nicolet, Patrick Gallois, Maxence Larrieu, Andrés Adorján and Paul Renzi.

*Tradução: Fabiane Oliveira – Primeira Flauta da OSUCS*





# OUTUBRO

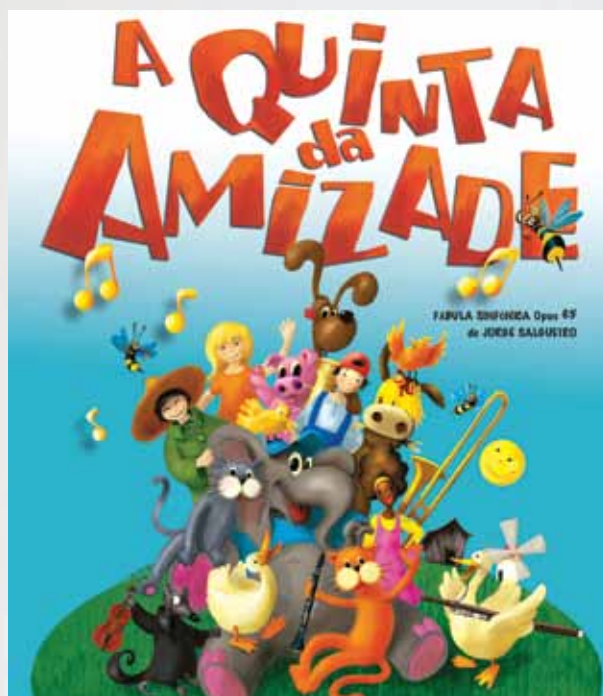
## QUINTA SINFÔNICA

### Parceria Foco Musical - OSUCS

6 de outubro: Teatro Feevale – Novo Hamburgo

13 de outubro: UCS Teatro – Caxias do Sul

*\*Em cada local, haverá três sessões. Consulte nosso site.*



### Jorge Salgueiro: Quinta da Amizade Fábula Sinfônica, Op. 65

- *Tempestade Lá-Si-Dó*
- *As Abelhas e os Passarinhos*
  - *O Porco e os Patos*
  - *Os Gatos e o Rato*
  - *O Pônei e o Cão*
- *O aparecimento do Elefante*
  - *A rejeição do Elefante*
    - *O Elefante triste*
  - *Canção da Amizade*

Maestro: **Jorge Salgueiro**



## **Jorge Salgueiro:** **Quinta da Amizade – Fábula Sinfônica**

A Quinta da Amizade é a primeira de um conjunto de obras encomendadas para os Concertos Sinfônicos Participados produzidos pela Foco Musical para a população escolar e pré-escolar.

Utilizando a estratégia da audição musical participada ao vivo, a preparação das crianças para estes concertos exige trabalho de sala de aula prévio, conferindo momentos de cumplicidade únicos entre a plateia e o palco, cujos efeitos confirmaram, em estudos recentes, resultar em aprendizagens verdadeiramente significativas e numa apropriação de conhecimentos acima da média, comparados a abordagens tradicionais.

Este trabalho em sala de aula leva a uma responsabilidade onde a construção do veículo extra-musical deva ser encarada com a mesma profundidade com que olhamos para a concepção musical e com que traçamos os nossos objetivos no domínio do desenvolvimento das competências musicais.

Assim, como ponto de partida para a criação de obras inéditas para a atividade da Orquestra Didática, a Foco Musical procura ter um cuidado acrescido na seleção das temáticas para as narrativas trabalhadas. A solidariedade e a tolerância são os valores trazidos em A Quinta da

Amizade, através da história comovente de um Elefante que é rejeitado pelos outros animais por ser diferente.

Um Elefante procura abrigar-se da tempestade dentro de uma quinta onde já se abrigaram todos os outros animais. A sua peculiaridade – o seu tamanho, a sua cor, a sua forma... – faz com que não seja muito bem recebido entre os animais da quinta. É uma fábula sinfônica onde os personagens são animais representados por instrumentos da orquestra. A mensagem de solidariedade implícita incide no direito à diferença.

Com música de Jorge Salgueiro e poema de João Aguiar, a Canção da Amizade tornou-se um clássico, entando dentre as canções mais conhecidas e reproduzidas no universo escolar em Portugal.

O género musical representado – fábula sinfônica – pretende, através da associação direta dos diferentes animais ao instrumento musical que os representa, abordar a sistematização da orquestra e das suas famílias, uma vez que a sua instrumentação se baseia na organização sinfônica tradicional.

Busca-se assim, um mergulho no mundo da orquestra sinfônica, de seus instrumentos e de sua classificação, além de um reforço nos valores que não devem ser esquecidos.

*Texto: Miguel Nabais Pernes – Diretor-geral da Foco Musical*



### Maestro convidado: **Jorge Salgueiro**

Jorge Salgueiro é um compositor português nascido em 1969. Dirige obras suas desde os 17 anos e compõe regularmente desde os 14. É autor de mais de 230 obras entre as quais são de referir 11 óperas (Merlin, O Achamento do Brasil, Pino do Verão, Orquídea Branca, Saga, Quixote, O Salto, Deu-la-Deu, A Coragem e o Pessimismo, Ver e Ler – Ler e Ver: o Hi-po-pó-ta-mo, O Circo do Mágico Eli), 6 sinfonias (n.º 1 A Voz dos Deuses, n.º 2 Mare Nostrum, n.º 3 Dos Lusíadas, n.º 4 Os Dias dos Prodígios, n.º 5 Quarentena, n.º 6 Palmela), as fábulas sinfónicas A Quinta da Amizade e Projeto Tartaruga, a Cantata O Conquistador, o Requiem pela Humanidade e a Abertura para o Gil, dentre diversas músicas para orquestra, banda, coro, de câmara, teatro, cinema, bailado e para crianças. Foi, entre 2000 e 2010, compositor residente da Banda da Armada Portuguesa. Atualmente é membro da direção artística do grupo de Teatro O Bando, e compositor residente da Foco Musical.

Obras premiadas:

- PROJETO TARTARUGA: produção da Foco Musical vencedora do YAMA PUBLIC CHOICE AWARD 2015. Young Audiences Music Awards é uma iniciativa da Jeunesses Musicales International e homenageia a criatividade e a inovação no domínio das produções musicais para o público jovem de todos os cantos do mundo. Produção Foco Musical, parceria com Marinha Portuguesa e Teatro O Bando.

- JANGADA DE PEDRA: criação Teatro O Bando, eleita a peça do ano 2013 pela TIME OUT LISBOA; nomeada para Globo de Ouro, categoria de “Melhor Espetáculo 2013”. Produção Teatro O Bando em parceria com Teatro São Luiz.

- QUIXOTE, ópera buffa: criação Teatro O Bando, “Melhor Espetáculo 2010” dos prémios SPA/RTP; nomeado para Globo de Ouro da SIC/CARAS na categoria de “Melhor Espetáculo 2010”. Produção Teatro O Bando em parceria com Teatro da Trindade.

- SAGA, ópera extravagante: criação Teatro O Bando, prémio 2008, Associação Portuguesa de Críticos de Teatro; nomeado para Globo de Ouro da SIC/CARAS na categoria de “Melhor Espetáculo 2008”. Produção Teatro O Bando em parceria com Marinha Portuguesa.

Dirigiu os seguintes grupos musicais: Orquestra Didática da Foco Musical; Orquestra do Teatro O Bando; Orquestra Sinfónica da Academia de Música de Lagos; Orquestra de Sopros da Escola Superior de Música de Lisboa; Orquestra de Sopros do Algarve; Orquestra e Coros do Conservatório de Palmela; Orquestra Clássica da Academia de Música de Lagos; Orquestra e Coros do Gabinete Coordenador de Educação Artística da Madeira; Banda Sinfónica Portuguesa; Orquestra de Bandolins da Madeira; Banda Sinfónica da Guarda Nacional Republicana; Banda Militar da Madeira; Negros de Luz; Orquestra Nacional do Porto e Coros do Círculo Portuense de Ópera; Orquestra e Coros do Conservatório de Viseu; Coral Infantil de Setúbal; Café Orquestra; Orquestra Juvenil dos Loureiros.

# CONCERTO DA PRIMAVERA

A UCS e a Unimed Nordeste  
apresentam a

## 10ª Edição do Concerto da Primavera

23 de outubro  
10h30min

Se todas as outras edições foram memoráveis,  
imaginem a de 10 anos!

Aguardem. Uma boa surpresa está por vir!

### Estacionamento da UCS TV

\* em caso de chuva, o concerto será transferido  
para o UCS Teatro.

Entrada Franca

# NOVEMBRO

## QUINTA SINFÔNICA

### Concerto de Aniversário

20 de novembro – domingo – 19 horas

UCS Teatro – Caxias do Sul - RS

**Pablo de Sarasate:**

#### **“Zigeunerweisen” (Árias Ciganas), Op. 20**

- *Moderato – Lento – Un poco più lento – Allegro molto vivace*

**Pablo de Sarasate:**

#### **Fantasia sobre temas da ópera Carmen de Bizet, Op. 25**

- *Allegro moderato*
  - *Moderato*
  - *Lento assai*
- *Allegro moderato*
  - *Moderato*

Solista: **Emmanuele Baldini** – Violino

**Nicolai Rimsky-Korsakov:**

#### **Sheherazade, Op. 35**

- O mar e o navio de Simbad: (*Largo e maestoso - Allegro non troppo*)
- A história do Príncipe Kalender: (*Lento - Andantino - Allegro molto - Con moto*)
- O jovem príncipe e a jovem princesa: (*Andantino quasi allegretto - Pochissimo più mosso - Come prima - Pochissimo più animato*)
- Festa em Bagdá - Naufrágio do barco nas rochas: (*Allegro molto - Vivo - Allegro non troppo maestoso*)

Maestro: **Manfredo Schmiedt**



**Pablo de Sarasate:**  
**“Zigeunerweisen” (Árias Ciganas),**  
**Op. 20**

**Fantasia sobre temas da ópera**  
**Carmen de Bizet, Op. 25**

Na história do violino e da interpretação com este instrumento, existe uma etapa fundamental que mudou completamente os paradigmas da técnica e das possibilidades expressivas deste instrumento, e esta etapa tem um nome: Niccolò Paganini.

Existe um “antes” e um “depois” de Paganini; ninguém como ele deixou um marco completamente novo no jeito de tocar o violino. Durante sua vida, e ainda mais depois de sua morte, vários outros virtuosos se encarregaram da tarefa (desafiadora e honrosa ao mesmo tempo) de levar adiante seu legado. Para citar somente alguns, temos o polonês Henryk Wieniawsky, o francês Henri Vieuxtemps, o alemão Wilhelm Ernst, o belga Eugene Ysaye e o espanhol Pablo de Sarasate.

E justamente serão tocadas, neste concerto, duas das mais emblemáticas e famosas obras de Pablo de Sarasate: “Árias ciganas” e “Carmen-fantasia”. Apesar de ter a mesma linguagem, são obras bem diferentes, começando pelo material musical que as constituem: “Árias ciganas” é uma obra original do compositor, claramente

influenciada pela música popular, mas com temas totalmente originais, criados pelo próprio Sarasate. E “Carmen-fantasia”, ao contrário, é escrita na típica estrutura das fantasias de óperas, muito comum entre os virtuosos de todos os instrumentos (vale a pena lembrar, por exemplo, as maravilhosas Fantasias e Paráfrases sobre óperas de Verdi que Liszt fez para o piano).

“Árias ciganas” é uma peça composta por três partes distintas: uma primeira parte de caráter improvisatório, onde o violino tem o difícil papel de cantar com liberdade e tocar as passagens mais rápidas como se não fossem escritas na parte, e como se surgissem espontaneamente pela criatividade do solista. Terminada essa parte, que é a mais cumprida da peça, tem um momento intimista e suave, onde o Sarasate explora toda a capacidade do violino de cantar com muita ternura.

A peça termina com dois minutos de puro virtuosismo violinístico, uma orgia de notas rápidas, ritmos populares, paixão latina, que fez deste momento um dos mais famosos do compositor espanhol.

A “Carmen-fantasia” é estruturada em cinco movimentos, sendo que cada um deles nasce de um momento diferente da ópera “Carmen”, de autoria do compositor francês George Bizet. A peça se desenvolve usando esses temas tão conhecidos para fazer triunfar o violino, instrumento amado por Sarasate, que foi uma de suas virtuosas mais importantes. As possibilidades expressivas do violino são exploradas alternando-as a momentos em que o instrumento parece quase superar os limites técnicos que Paganini tinha alcançado. Em especial, gostaria de indicar um trecho extremamente rápido, próximo do fim da peça, no quinto movimento, que é, até hoje, a passagem mais difícil que eu tive que enfrentar em minha carreira.

*Texto: Emmanuele Baldini – Violino Solista*



### **Nicolai Rimsky-Korsakov:** **Scheherazade, Op. 35**

Quem já ouviu a história das “Mil e uma noites”? É a história do sultão Shariar que, desiludido do amor de uma mulher, decidiu vingar-se dela castigando todas as outras. Jurou, então, casar-se com uma nova mulher a cada noite e lhe cortar a cabeça ao amanhecer. Assim o fez, até que se casou com a filha de seu grão-vizir. Ela, para salvar a si mesma e às demais mulheres de tão terrível vingança, propôs-lhe contar uma história antes de se deitar. A história foi tão interessante que, para saber a continuação, o sultão permitiu que ela vivesse uma noite mais. Durante mil noites e mil histórias, a donzela conseguiu manter o interesse do feroz sultão, mas, quando se esgotaram as histórias e a jovem confessou não saber mais nenhuma, o sultão, que acabara se apaixonando por ela, perdoou-a e viveram felizes.

Assim começa a suíte sinfônica baseada na história desta corajosa donzela, a princesa Sheherazade. No início, Rimsky-Korsakov tinha preparado cuidadosamente um programa para cada um dos quatro andamentos que constituem o poema sinfônico, mas depois concluiu que era muito explícito e acabou por deixar somente os títulos de cada andamento. Mais tarde, julgando-o demasiado “programático”, decidiu que fosse publicado sem títulos. Mas nem os editores e nem os diretores musicais acataram

essa decisão, e os títulos continuam a encabeçar as partituras e os programas dos concertos.

O primeiro andamento, intitulado “O mar e o navio de Simbad”, tem uma introdução na qual são apresentadas as personagens principais: o sultão Shariar e a princesa Sheherazade. O tema do sultão é exposto pelos trombones e tuba, e o tema de Sheherazade é exposto por um violino solo. O segundo andamento, “A história do príncipe Kalender”, começa e termina com o tema de Sheherazade e, em seu interior, há destaque para um tema apresentado pelo oboé, em uma passagem de grande riqueza lírica e que servirá de base para toda a exposição do movimento. O terceiro andamento, “O jovem príncipe e a jovem princesa”, foi construído no esquema ABA, iniciando com o quarto tema principal, em sol maior, apresentado pelos violinos. O quinto tema está em dó maior, mais brilhante e alegre. Depois, o quarto tema volta ao primeiro plano, e quando a seção termina surge de novo o tema de Sheherazade, que, numa demonstração criativa, passa por variações, arabescos e figurações, até se converter no quarto tema. O quinto tema finalizará o andamento com grande delicadeza. Entramos agora no andamento final do poema, “Festa em Bagdá”, que começa com a soberba exposição do tema de Shariar, brutal como o caráter do sultão, que continuará imperando na maior parte do final da obra e só irá desaparecer na última seção, quando volta o tema de Sheherazade para finalizar.

O sucesso da obra foi tal que aborreceu o autor, e ele não quis interpretá-la, nem deixar que outros o fizessem. Ele só a interpretou num concerto de 1890, no Teatro da Moeda, em Bruxelas, e, além disso, proibiu que fosse utilizada em um balé. Depois de sua morte, Diaghilev ignorou a proibição e criou uma das peças favoritas dos Balés Russos.

*Texto: Ramon Stein – Coordenador das Madeiras e Primeiro Clarinete da OSUCS*



Foto: Queila Susã

## Solista: **Emmanuele Baldini** – Violino

Emmanuele Baldini nasceu em Trieste, na Itália, cercado pela música: seu pai, Lorenzo Baldini, foi um importante pianista e didata italiano, e sua mãe, Eletta Baldini, foi professora de teoria e solfejo no conservatório da sua cidade, além de ser uma formidável pianista também.

Depois dos estudos em Trieste com Bruno Polli, Baldini se aperfeiçoou em Genebra com Corrado Romano, em Salisburgo e Berlim com Ruggiero Ricci, e mais recentemente na regência com Isaac Karabtchevsky e Frank Shipway.

Desde sua adolescência ganhou inúmeros concursos internacionais, entre as quais se destacam o “Premier Prix de Virtuosité avec Distinction”, em Genebra, o “Forum Junger Künstler”, em Viena, e mais dez concursos para solistas ou em grupos de câmara.

Baldini tocou como solista ou em duo pelo mundo inteiro, com cinco turnês no Japão, duas nos Estados Unidos, uma na Austrália, e já se apresentou em todas as principais salas de concerto das capitais europeias, além da América Latina, e principalmente no Brasil, que o escolheu, em 2005, como sua residência. Sua incansável curiosidade e paixão pela música fez o Baldini ampliar seus horizontes, e depois de uma carreira notável como violinista (com mais de 15 CD gravados, quase 40 concertos

diferentes em seu repertório e todas as Sonatas mais importantes para violino), começou a se aperfeiçoar como regente, fundou o Quarteto Osesp (com os chefes de naipe da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, da qual é “*spalla*”), intensificou sua atividade didática e, com o violino, começou a explorar o precioso repertório brasileiro, em parte injustamente desconhecido.

Dentre suas colaborações musicais constam artistas de fama mundial, como Maria-João Pires, Jean-Philippe Collard, Antonio Meneses, Fábio Zanon, Caio Pagano, Jean-Efflam Bavouzet, Ricardo Castro, Nicholas Angelich, dentre outros. O saudoso Maestro Claudio Abbado, numa carta para a “Harold Holt” de Londres, escreveu do Baldini: “Estou impressionado tanto pela sua profundidade musical quanto pelo nível técnico.”

Na Itália, Baldini foi “*spalla*” da Orchestra del Teatro Comunale di Bologna, Orchestra del Teatro alla Scala di Milano, e a Orchestra del Teatro “Giuseppe Verdi” di Trieste, e desde 2005 é “*spalla*” titular da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (OSESF).

Seus projetos futuros incluem a estreia como regente no Teatro Colón de Buenos Aires, uma apresentação em São Paulo de uma obra de John Adams com a regência do próprio compositor, e o lançamento de vários CDs, além da continuação de suas atividades como líder da sua orquestra e do seu quarteto.

Emmanuele Baldini é casado com Veroni, e os dois moram em São Paulo, cidade que ele adora assim como seu querido Brasil, o país que o acolheu.





# DEZEMBRO

## QUINTA SINFÔNICA

8 de dezembro – quinta-feira – 21 horas  
Igreja de São Pelegrino – Caxias do Sul - RS

**Georg Friedrich Händel:**

**Oratório *The Messiah* (O Messias), HWV 56**

### Parte I

- *Sinfonia: Allegro*
- *Recitativo: Comfort ye my people - Tenor*
- *Ária: Every valley shall be exalted - Tenor*
- *Coral: And the glory of the Lord shall be revealed*
  - *Recitativo: Thus saith the Lord - Baixo*
- *Ária: But who may abide the day of His coming? - Contratenor e Tenor*
  - *Coral: And He shall purify the sons of Levi*
  - *Recitativo: Behold, a virgin shall conceive - Contratenor*
  - *Ária: O thou that tellest good tidings to Zion - Contratenor*
  - *Recitativo: For behold, darkness shall cover the earth - Baixo*
- *Ária: The people that walked in darkness have seen a great light - Baixo*
  - *Coral: For unto a child is born*
    - *Sinfonia Pastoral: Pifa*
- *Recitativo: There were shepherds abiding in the field - Soprano*
  - *Coral: Glory to God in the highest*
  - *Ária: Rejoice greatly, O daughter of Zion - Soprano*
- *Recitativo: Then shall the eyes of the blind be opened - Contratenor*
- *Dueto: He shall feed His flock like a shepherd - Soprano e Contratenor*
  - *Coral: His yoke is easy, His burthen is light*

Solistas: **Cintia de Los Santos** - Soprano  
**Joel Damián Ramirez** - Contratenor  
**Roger Scarton** - Tenor  
**Daniel Germano** - Baixo

**Coro Sinfônico da OSPA e Coro da UCS**

Maestro: **Manfredo Schmiedt**



## Georg Friedrich Händel:

### Oratório *The Messiah* (O Messias), HWV 56

O célebre compositor alemão, naturalizado britânico George Friedrich Händel nasceu em 1685 na cidade de Halle, o mesmo ano do nascimento do também compositor alemão Johann Sebastian Bach e o italiano Domenico Scarlatti. Desde muito jovem mostrou grande talento para música e recebeu uma boa educação musical na igreja da sua cidade natal, estudando teoria, composição e vários instrumentos como cravo, violino e oboé. Em Hamburgo, onde passa a primeira parte da sua carreira, foi violinista e maestro na Orquestra da ópera local. Por volta de 1706, viajou para a Itália, onde estreou diversas obras importantes e conheceu músicos brilhantes como Arcangelo Corelli e Bernardo Pasquini. Foi, por um curto período, mestre de capela na corte de Hannover, mas em seguida, em 1712, mudou-se para a Grã-Bretanha onde trabalhou para o Rei George I e lá permaneceu, desenvolvendo a maior parte da sua carreira em Londres até sua morte em 1759. Händel era um prolífico compositor e a lista de suas obras (importante notar que uma considerável parte da produção compositiva de Händel era dedicada à música vocal) inclui 42 óperas, mais de 120 cantatas, 16 concertos para órgão, trios e duetos, um vasto número de obras para música

de câmara, serenatas, odes e 29 oratórios. Entre esses oratórios está a sua obra mais conhecida: *The Messiah* (O Messias).

*O Messias* foi composto em 1741 com textos compilados pelo amigo e libretista de Händel Charles Jennens extraídos da Bíblia de Rei James (a Bíblia traduzida para a língua inglesa, utilizada na igreja anglicana sob ordens do Rei James I no início do século XVII). Entre seus 51 movimentos está o famoso coro “Aleluia”, frequentemente interpretado fora do contexto da obra, principalmente nas épocas de Natal e Páscoa. O Oratório *O Messias* teve sua estreia em Dublin, capital da Irlanda, na Páscoa de 1942, como parte de uma série de apresentações musicais beneficentes para instituições de caridade irlandesas, a convite do Lorde Lieutenant, da Irlanda.

O Oratório é dividido em três partes sendo que, na maioria das vezes, não é interpretado em sua totalidade, e sim em trechos e movimentos escolhidos. Apesar da obra ter sido concebida para a Páscoa e nela ter sido sua estreia, após a morte de Händel, tornou-se tradição executar o oratório durante o período preparatório para as festas do Natal, mais do que na Páscoa. Após a estreia, Händel continuou a revisar os manuscritos de *O Messias*, para, muitas vezes, atender as necessidades de alguns solistas cantores, porém, a primeira publicação da partitura de *O Messias* aconteceu em 1767, sem essas revisões posteriores.

O oratório inicia com a sinfonia de abertura (*Allegro*) antes dar início a primeira parte da obra. Escrita para cordas e em Mi menor, foi o primeiro uso de Händel da forma francesa para abertura em uma composição. Uma modulação para Mi maior leva então, à primeira profecia, um primeiro recitativo (“Confort Ye”) interpretado pelo tenor em uma linha melódica inteiramente independente do acompanhamento das cordas. A música prossegue através de várias modulações ao enunciar das profecias nesta primeira parte: profecias apocalípticas (“Thus saith the Lord”) oriundas de profetas do Velho Testamento (“And the glory of the Lord”) e chegando à anunciação da vinda (Behold, a



virgin), culminando em um coro em Sol Maior anunciando o nascimento do Messias (For unto us a child). Algumas passagens, segundo o musicólogo Donald Jay Grout, “revelam um Händel dramaturgo, um incontestável mestre dos efeitos dramáticos”. O interlúdio pastoral que segue, inicia com um curto movimento instrumental. O grupo de quatro recitativos depois, apresentam a soprano solista e o recitativo final dessa parte em Ré Maior e anuncia o afirmativo coro “Glory to God”. O restante dessa parte I é, em sua maioria, interpretado pela soprano solista. A seguir, a vida de Messias começa a ser desvendada (“His yoke is easy”) e sua morte profetizada é anunciada no primeiro coro da parte II do oratório “Behold the lamb” composto em forma de fuga, seguida de “He was despised”, a área mais longa do oratório, escrita para contralto solo, no qual algumas frases são cantadas sem acompanhamento algum, para enfatizar o abandono de Cristo. A seguir, uma sucessão de coros de curta duração retrata a Paixão de Cristo, a Crucificação, a Morte e a Ressurreição. Uma sequência de ânimos contrastantes a seguir, como o pastoral “How beautiful are the feet” e o teatral “Why do the nations so furiously rage” culminam no célebre coro “Hallelujah (Aleluia)”. Interessante notar que esse não é o coro mais arrebatador do oratório, embora não se possa negar seu “entusiasmo contagiante” como observa o historiador Percy Young. A aria “I know that my Redeemer liveth” é um dos vários números da obra remanescentes da versão original, sem as posteriores revisões do compositor. Uma linha coral tranquila conduz ao solo do baixo em “Behold, I tell you a mystery”. Após várias arias como “The trumpet shall sound”, o dueto de contralto e tenor solo “O death, where is thy sting? ”, o coro “But thanks be to God”, o introspectivo solo de soprano “If God be for us” conduzem ao coro final “Worthy is the Lamb” e então o conclusivo “Amen” onde, segundo o musicólogo Christopher Hogwood, “A entrada dos trompetes marca o final da tempestuosidade do céu”.

Como era sua prática habitual ao compor, adaptou trechos existentes para novas obras em *O Messias*, com alguns duetos italianos do

compositor. “Se tu non lasci amore” composto em 1722, foi a base para 48º movimento “O Death, where is thy sting?”. “His yoke is easy” e “And he shall purify” tiveram como base “Quel fior che alla’ride”, composta em 1741, assim como *Nò, di voi non vo’ fidarmi*, também de 1741, foi a base para “Unto us a child is born” e “All we like sheep”. O manuscrito original de *O Messias* é hoje um dos grandes destaques da coleção musical da Biblioteca Britânica, na Inglaterra.

*Texto: Helena Oliveira Nunes – Violinista da OSUCS*





Foto: Rochelle Silva

### Solista:

#### **Cintia de los Santos** – Soprano

Soprano Lírico natural de Porto Alegre, é graduada em Música com habilitação em Piano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e, desde 1991, dedica-se ao estudo do Canto Lírico com profissionais da área musical no Brasil e exterior. É a primeira soprano brasileira a ser solista convidada das obras “Paixão Segundo São Mateus” de J. S. Bach e “O Messias” de G. F. Händel na Cidade Proibida, China, (2002-2004), onde foi professora de Canto na Escola Internacional de Pequim (ISB) e no Conservatório Tradicional de Música (Beijing Conservatory). Foi semifinalista em Concursos de Canto Lírico realizados em São Paulo (Concurso de Música de Câmara Osvaldo Lacerda, em 1999), em Pequim, República da China (Concurso Internacional de Canto, em 2002) e em Belo Horizonte (9º Concurso Internacional de Canto Bidu, em abril de 2011). De dezembro de 2000 a dezembro de 2004 residiu em países como França, China e Japão adquirindo experiência profissional com músicos de renome internacional, tais como Monique Zanetti, Peter Kooij, Yukari Nonoshita e Masaaki Suzuki. Em 2005, foi Diretora Musical da ONG e Canal de Televisão “União Planetária” em Brasília, DF, onde coordenou a programação de artistas e eventos locais (Festival de Música de Inverno da UNB), nacionais e internacionais. De agosto de 2007 a maio de 2008, foi bolsista como Mestranda em Ópera pela Universidade do

Sul do Mississippi sob a orientação da Soprano Maryann Kyle. Em abril de 2008, interpretou o personagem “Susana” na Ópera “As Bodas de Fígaro” com a Companhia de Ópera da Mississippi Symphony Orchestra. Em 2014, foi protagonista do Musical “Chimango”, de Arthur Barbosa (Brasil), lançou o CD “Vox Aurumque” pelo Coral da UFRGS e o DVD “Súbita Conexão” de Marcelo Nadruz (Brasil). Atua ativamente como intérprete de obras como “Carmina Burana” (Carl Orff), “O Messias” (G.F. Händel), “Magnificat” / “Christmas Oratorium” / Paixão Segundo São João / Paixão Segundo São Mateus (J. S. Bach), “Fantasia Coral” (L. van Beethoven), “Requiem” (W. A. Mozart), “MAGNIFICAT” para Soprano Solista, Coral e Orquestra (John Rutter) e divulga o Ciclo “Canções de Emergência” de Flávio Oliveira. Além de intérprete, Cintia é preparadora vocal dos Corais da PUCRS e da UFRGS, professora convidada dos Painéis de Regência e Laboratórios Corais realizados pela FECORS e professora convidada de Oficinas de Musicais pela ACTEMUS.



#### Solista: **Damian Ramirez** – Contratenor

Damian Ramirez, contratenor e pianista, nasceu em Buenos Aires em 1985. Iniciou seus estudos de técnica vocal com a soprano Irene Burt e de repertório com Eduviges Picone. Após estes estudos iniciais se aperfeiçoou no Instituto Superior de Arte do Teatro Colón. Em 2008, participou da competição de prestígio internacional



“*Competizione dell’Opera*”, ocorrida em Dresden (Alemanha); em 2009, participou da competição “*Neue Stimmen*”, realizada em Gütersloh (Alemanha) e em 2013 foi selecionado para a competição Belvedere. Foi escolhido como participante ativo para atender a *masterclasses* (aulas) ministradas pela mezzo-soprano espanhola Teresa Berganza e Jeffrey Gall. Em 2012, recebeu o “*Premio estímulo*” (Prêmio de Incentivo) da Associação dos Críticos de Música da Argentina. No ano de 2015, reviveu o “*Regreso a Parisotti*” (Retorno a Parisotti) junto a pianista Estela Telerman em diferentes teatros no país, incluindo o San Martin de Tucuman - onde também ministrou o seminário teórico-prático de “Interpretação de Arias e Re-

citativos Barrocos”, da Universidade Nacional de Tucuman. No Teatro Colón, participou como solista em *Membra Jesu Nostri* de Buxtehude, *Stabat Mater* de Pergolesi, interpretou o “Cisne” na peça *Carmina Burana*; “Eustazio” em *Rinaldo*; “Helicon” na ópera contemporânea *Caligula*, e “Mrs Tubbs” em *Requiem for a Nun*. Também se apresentou como solista nos principais teatros de Buenos Aires, tais quais: Teatro Argentino, Teatro Avenida, Teatro San Martin, Teatro Coliseo, entre outros. Também participou do grupo de câmara *Elyma* de música barroca se apresentando em países como Chile, Peru, Equador e Colômbia.



### Solista: **Roger Scarton** – Tenor

Roger Scarton, tenor natural de Nova Prata - RS, iniciou seus estudos musicais de violão erudito e teoria musical aos nove anos no Instituto Musical Verdi, formando-se em ambos. Graduou-se em Regência Coral na UFRGS e começou seus estudos de canto lírico com o tenor Decápolis de Andrade e Lori Kehler na Escola de Música da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA). Foi um dos vencedores do primeiro prêmio, em canto lírico, do concurso de Jovens Solistas da OSPA em 2002. Continuou buscando aperfeiçoamento com Zwinglio Faustini (Brasília, 2002-2003), Gisa Volkmann e, atualmente, prossegue com Sílvio Correa.

Como solista, participou de concertos e cortinas líricas com diversos maestros, como Túlio Berlar di, Tiago Flores, Antônio Borges Cunha, Ronel Alberti da Rosa, Frei Leonardo Kuhn, em obras como a Missa da Coroação, de Mozart; a Fantasia Coral, de Beethoven; a Cantata de Natal, de Praetorius; as Lamentações de Jeremias, de Francois Couperin; a Cantata do Café, de Bach. Integrou o elenco do espetáculo *Nativitaten*, de música natalina e sacra, em Gramado, durante onze edições. Na esfera da música popular, participou das gravações do disco *Ramilonga*, de Vitor Ramil, tocando instrumentos orientais como a Saraswati Veena, Guitarra-Sitar, Harmonium e Tampoura, após realizando turnês no Brasil, Argentina e Suíça. Teve participações em shows de Nei Lisboa e Felipe Azevedo. Também gravou três discos de World Music, mantras e fusion-pop, com o grupo Sathyananda, após períodos de estudos, entre os anos de 1992 a 1996, em musicoterapia, espiritualidade, religião comparada e música indiana nos Estados Unidos, Montana. Atualmente integra o Vocal TAKT, sob a direção de Tiago Flores, e também o Coral Porto Alegre, dirigido por Gisa Volkmann.



**Solista: Daniel Germano – Baixo**

O baixo Daniel Germano iniciou seus estudos de canto com o professor Decápolis de Andrade, no coro sinfônico da OSPA. Em 2012, especializou-se em performance pelo Conservatório Antônio Buzzola, em Adria, Itália. No mesmo ano, estreou nos palcos europeus como Don Basílio em Bologna e Parma, tendo

tido ainda solista de concertos em Rovigo, Vicenza e Düsseldorf. Em 2015, foi solista do Messias de Handel no TMRJ, sob regência de Silvio Viegas. Em 2014, no mesmo teatro, foi Zúniga em Carmen, de Bizet, sob regência de Isaac Karabtchevsky e abriu a temporada lírica como solista da Nona Sinfonia (Beethoven). Foi Primeiro soldado na ópera Salomé no Teatro da Paz (Belém); Don Alfonso em Cosi Fan Tutte e Sacristão em Tosca no Theatro São Pedro (Porto Alegre); Conte Paris em Romeo et Juliette, no TSP (São Paulo); Primeiro Sacerdote em A Flauta Mágica, com a Orquestra da PUCRS, entre outras participações. Também já se apresentou como solista das principais obras para concerto, como Magnificat, Paixão Segundo São João, Ich Habe Genug BWV 82 (Bach), Petite Messe Solennele, (Rossini) Réquiem de Verdi, Brahms, Mozart, Duruflé e Fauré, Oratório de Natal (Saint-Saens); Missa da Coroação (Mozart), Nona Sinfonia (Beethoven), entre outras.



Foto: Pedro Giles

## Coro da UCS

O Coro surgiu em 1968 e possui, em sua trajetória, belíssimos programas. Vinculado ao Setor de Desenvolvimento Cultural da UCS e alinhado às atividades da Orquestra Sinfônica OSUCS, o Coro reiniciou suas atividades em agosto de 2014, sob a regência da maestrina Anita Bergmann Campagnolo, que após 30 anos

retornou a frente do grupo, contando atualmente com a preparação vocal de Ricardo Barpp.

Tem como proposta atuar com repertório diversificado, à capela, de câmara e sinfônico. Em 2014, atuou em cinco concertos junto à OSUCS e, em 2015, realizou o Concerto *Le Più Belle Canzoni Italiane*, integrando as comemorações dos 140 anos da Imigração italiana, além de participar de diversos espetáculos com a Orquestra.



Foto: Julia Gall

## Coro Sinfônico da Ospa

Fundado há mais de quarenta anos, o Coro Sinfônico da Ospa é formado por cantores amadores que dedicam parte de seu tempo para cantar grandes obras da literatura sinfônico-coral.

Além de participações marcantes na programação da Ospa, o coro também realiza concertos com outras orquestras ou grupos instrumentais.

Em seu repertório, estão obras de Mozart, Beethoven, Mahler, Mendelssohn, Gounod, Brahms, Bach, Haendel, Haydn, Vivaldi, Orff, Verdi, Puccini, Bizet, Rachmaninoff, Stravinsky, Rimsky-Korsakov, Tchaikovsky, Mussorgsky e Borodin, entre outros.

O pianista acompanhador é Paulo Bergmann, a preparadora vocal é Elisa Machado e a regência é do maestro Manfredo Schmiedt.



# NATAL EM FAMÍLIA NA UCS

15 de dezembro – quinta-feira

20h30min

Local: Centro Cívico da UCS

\*em caso de chuva, o concerto será transferido para o UCS Teatro.

Georg Friedrich Händel: **Trechos do Oratório *The Messiah* (O Messias), HWV 56**

## Repertório Natalino

Solistas:

Cintia de Los Santos - Soprano

Joel Damián Ramirez - Contratenor

Roger Scarton - Tenor

Daniel Germano - Baixo

Coro Sinfônico da Ospa e Coro da UCS

Acadêmicos do Curso Superior de Tecnologia em Dança da UCS

Maestro: **Manfredo Schmiedt**





## Orquestra Sinfônica da UCS

### FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Ambrósio Bonalume  
Presidente

Carlos Heinen  
Vice-Presidente

### UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Evaldo Antonio Kuiava  
Reitor

Odacir Deonísio Graciolli  
Vice-Reitor

Marcelo Rossato  
Pró-Reitor Acadêmico

Odacir Deonísio Graciolli  
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Odacir Deonísio Graciolli  
Pró-Reitor de Inovação e Desenvolvimento Tecnológico

Gelson Leonardo Rech  
Chefe de Gabinete

Cesar Augusto Bernardi  
Diretor Administrativo e Financeiro

Marcelo Faoro de Abreu  
Coordenador de Extensão

### SETOR DE DESENVOLVIMENTO CULTURAL – SDEC

Moacir Lazzari  
Coordenador

Cristina Nora Calcagnotto  
Analista de Relações com o Mercado

Alexandre de Aguiar  
Auxiliar Administrativo

Ricardo Silva Duarte  
Inspetoria

Bruna Pellegrini Rezer  
Arquivo

Pedro Giles  
Montagem

Dionatan Miotti  
Montagem

Maiara Seben  
Secretaria

### DIREÇÃO ARTÍSTICA OSUCS

Manfredo Schmiedt  
Diretor Artístico e Maestro Titular

Diego Schuck Biasibetti  
Regente Assistente

André Meneghello - *Spalla*  
Coordenador das Cordas Agudas

Alexandre Diel  
Coordenador das Cordas Graves

Ramon Stein  
Coordenador das Madeiras

Paulo Fernando Ferreira  
Coordenador dos Metais

Douglas Gutjahr  
Coordenador da Percussão



## Orquestra Sinfônica da UCS

### **Violinos I**

André Meneghello – Spalla  
Daniel Reuse  
Helena Oliveira Nunes  
Leonardo Bock  
Rodrigo Duarte Maciel

### **Violinos II**

Giovani dos Santos  
Leonardo Soldatelli Paviani  
Marcelo Vier  
Sandro Souza  
Wagner Rezer

### **Violas**

Carlos Eduardo Zinani  
Emerson Aguiar  
Keite Gularte  
Tiago Neske

### **Violoncelos**

Alexandre Diel  
André Wentz  
Diego Schuck Biasibetti  
Monica Panizzon

### **Contrabaixos**

Márcio Fisch de Oliveira  
Fábio Alves

### **Piano**

Fernando Rauber

### **Flautas**

Fabiane de Oliveira  
Dainer Schmidt

### **Oboés**

Julio Cesar Wagner  
Anelise Kindel

### **Clarinetes**

Ramon Stein  
Elisier Palhano Leme

### **Fagotes**

Adilson Vieira  
Davi Coelho

### **Trompas**

Alexandre Ostrovski Junior  
Jonathas Castro

### **Trompetes**

Jordelei dos Santos  
Jezer Silva

### **Trombones**

Paulo F. Ferreira  
Juliana Villalba

### **Timpanos/Percussão**

Douglas Gutjahr



Foto: Antonio Carlos Lorenzetti



Foto: Pedro Giles



Foto: Lais Dal Picoli



Foto: Lais Dal Picoli



Foto: Cristina Nora Calcagnotto



Foto: Cristina Nora Calcagnotto



Foto: Marina Venâncio



Foto: Claudia Velho



Foto: Pedro Giles



Foto: Pedro Giles



Foto: Antonio Carlos Lorenzetti



Foto: Antonio Carlos Lorenzetti



Foto: Pedro Giles



Foto: Pedro Giles



Foto: Marina Venâncio



Foto: Marina Venâncio



# MOSTRE QUE VOCÊ ESTÁ AFINADO COM A ORQUESTRA SINFÔNICA DA UCS.

**CONTRIBUA COM O DESENVOLVIMENTO CULTURAL DE NOSSA REGIÃO  
DESTINANDO ATÉ 6% DO VALOR DE SEU IMPOSTO DE RENDA DEVIDO, POR MEIO  
DA LEI ROUANET.**

## **COMO PARTICIPAR:**

- Faça a sua doação através de cheque ou de depósito bancário. Caso você prefira contribuir com cheque, solicitamos que seja feito nominal ao Pronac do projeto, entregando-o no Setor de Desenvolvimento Cultural da UCS. Se você preferir depósito, efetue-o na conta bancária do projeto, no Banco do Brasil. No identificador 1, informe seu CPF, e no identificador 2, informe o no 1, que significa pessoa física. Após, contate-nos para que sejam providenciados o recibo e o comprovante de pagamento.
- No próximo ano, quando você realizar a Declaração de IR, faça-a no modo COMPLETA e então, no campo "Doações e Patrocínios", preencha com os valores e com os dados que o sistema solicitar.
- Pronto! O valor destinado à OSUCS será descontado na íntegra, no momento do pagamento do imposto, ou, ainda, devolvido somado à sua restituição, se for o caso.

**IMPORTANTE:** Se você faz parte de empresa em que o imposto de renda seja sobre o lucro real, entre em contato conosco, pois também há facilidades de incentivo aos nossos projetos!

**SAIBA MAIS:**  
SETOR DE DESENVOLVIMENTO  
CULTURAL/orquestra@ucs.br  
(54) 3218-2610



ORQUESTRA  
SINFÔNICA



## Lista de Colaboradores da Orquestra

Agradecemos a todos que contribuem com a nossa ação de captação de recursos para os programas da OSUCS.

Relação de apoiadores que autorizam a divulgação de seus nomes:

Ademar Galelli  
Ana Maria Bastian Alberti  
Anelise Branchi  
Carmem Cecília Schmitz  
Celiane Zanchin  
Denise Rasia Bosi  
Dorval Bosi  
Evaldo Antonio Kuiava  
Fabiano Larentis  
Fernanda M. F. Schmitz  
Fernando Nora Calcagnotto  
Gilberto Henrique Chissini  
Giselle Olivia Mantovani Dal Corno  
Gustavo Nora Calcagnotto  
Isidoro Zorzi  
Jayme Paviani  
José Caleffi  
Magaly Ruwer  
Marcelo Rossatto  
Marco Aurélio Bertolazzi  
Maria Salete Bertotto  
Mário Frizzo  
Mercedes Lusa Manfredini  
Paulo Roberto Weirich  
Roque Alberto Zin  
Susana De Araújo Gastal  
Vania Elisabete Schneider

### Empresas:



**Música**  
*faz bem*  
à saúde.



**Unimed Nordeste-RS. Apoiadora da Orquestra da UCS.**

A Unimed sabe a importância da cultura para a qualidade de vida das pessoas. Por isso, apoia a Orquestra da UCS há mais de 10 anos, ajudando a levar boa música para toda a região. **Porque saúde e bem-estar andam juntos.**

PATROCÍNIO



APOIO



REALIZAÇÃO



ORQUESTRA SINFÔNICA

CONTATOS

Setor de Desenvolvimento Cultural da UCS - SDEC

Orquestra Sinfônica da UCS - OSUCS

Rua Francisco Getúlio Vargas, nº 1130, sala 102 | Centro de Convivência | Cidade Universitária

Bairro Petrópolis | CEP 95070-560 | Caxias do Sul - RS | Fone: (54) 3218 2610

[ucs.br/orquestra](http://ucs.br/orquestra) | [orquestra@ucs.br](mailto:orquestra@ucs.br) | [facebook.com/orquestradaucs](https://facebook.com/orquestradaucs)